

HORRORES PSIQUÂNTICOS

CONTO

O LIVRO

Victor Zanellato

2019

O ar congelante tomava as ruas de Santo André. Era Abril de 2012, começo de outono e o frio removia todas as memórias do gostoso clima aquecido do último verão paulista, enquanto invadia os prédios e casas da cidade. Como uma dança macabra os ventos esquivavam-se das pesadas gotas de chuva e sorratamente se esgueiravam pelas pequenas frestas das portas e janelas, invadiam os corpos que se esquentavam debaixo dos inúmeros cobertores, diabolicamente roubando o calor acumulado.

O ar gélido na casa de Geisa era quase insuportável. Seus pés, mesmo debaixo das cobertas, estavam quase congelados e lutavam se esfregando um contra o outro em busca de um pouco de calor e alívio. Há semanas todas as suas noites e madrugadas eram frias e solitárias. Mais uma vez ela ia assistir o sol nascendo, clareando as ruas da cidade e transformando o horrível gelo noturno em um abafado fogo matutino, enquanto ela continuava estudando os seus intermináveis textos da faculdade. Suas provas finais se aproximavam mais a cada noite, e como suas notas haviam sido extremamente medíocres em suas primeiras avaliações, a jovem, por conta do seu nervosismo, enrolava os seus cabelos encaracolados com as pontas dos dedos. Suas crises nervosas a perturbavam à semanas, e cometer os mesmos erros dos seus primeiros meses de faculdade era inadmissível. Ela queria ter excelência em suas notas, sentia que aquela era a oportunidade de sua vida, e que não podia ser uma decepção. Ela tinha que ser melhor.

O suor em suas mãos pioravam gradativamente, tremendo em um ritmo constante e carregando a azeda mistura de sua ansiedade com a péssima sensação congelante da temperatura daquela noite. Por mais que buscasse apertar suas mãos uma contra a outra, tentando se acalmar da agitação provocada pela apreensão, suas mãos não obedeciam e continuavam a tremer constantemente. A angústia lhe dominava desde

que havia visto os primeiros resultados de suas notas, e por mais que tentasse manter sua respiração tranquila, fechando os olhos e contando até dez, nada parecia ter algum efeito sobre aquela sensação terrível que lhe perturbava à meses. Seu medo de ser uma decepção era gigante e esmagador, ele lhe tirava quase por completo a vontade de dormir, mas não o seu sono. Sua média era de três a cinco horas de sono profundo por dia, algo que estava acabando com seu físico e mental, porém apesar do extremo cansaço um grande alívio a acalmava um pouco, pois ela sabia que estava dando tudo de si. Todo o conhecimento necessário para as próximas provas estavam na ponta de sua língua, e os textos solicitados pelos professores, que seriam extremamente necessários para as avaliações finais de seu primeiro semestre, estavam cheios de marcações e anotações. O final de seu primeiro semestre na faculdade estava se aproximando. Correr contra o tempo era sua meta, e depender de um exame, uma prova final para aqueles que não alcançaram a média de nota, era totalmente inaceitável.

O curso de ciências, tecnologia e humanidades não era um curso extremamente difícil. Porém, mesmo alguém que tenha estudado em uma escola teoricamente excelente iria encontrar dificuldades diversas, pelo menos durante alguns meses de adaptação no início de seus estudos no ensino superior. Todas aquelas dissertações, retiradas de alguns capítulos de livros de pensadores de áreas distintas do conhecimento humano, que viveram há décadas atrás, no final do século XIX e começo do século XX, tinham uma linguagem extremamente chata e complicada. Muitas vezes era necessário buscar palavras em um dicionário específico para ter um total entendimento de uma escrita arcaica e erudita. O cansaço físico e mental tomava a vida daquela jovem de apenas dezoito anos. Isso a fez notar o quão inacessível era aquela leitura que esgotava energias, e que jamais encontraria as mãos de diversas camadas das populações mais pobres. O que era lamentável, pois era uma leitura de extrema importância, principalmente para aqueles que tinham vulnerabilidade

econômica e social. Explicava e dava sentido às raízes da nossa sociedade, que surgiu em contexto escravocrata, com o homem branco como figura de poder central desde a época colonial. O que resultava em muitos problemas contemporâneos presentes na realidade dos mais pobres, e que seriam de extrema importância para a sua formação intelectual e de senso crítico. Assim como estava sendo para a formação da jovem estudante, que começava a entender diversas dores que havia presenciado no decorrer de sua vida.

Sob papéis xerocados e cadernos cheios de anotações feitas dentro e fora de aula, a jovem estava completamente imersa em sua leitura. Deitada em sua cama debaixo dos cobertores ainda buscando um pouco de calor, ela terminava seus fichamentos que seriam de grande utilidade no decorrer das provas finais. Em um primeiro momento a garota de rosto arredondado ficou surpresa, e ao mesmo tempo tranquilizada, ao saber que consultar textos e anotações no meio das avaliações era extremamente comum naquele meio da academia. Porém, a surpresa maior surgiu ao saber que isso não iria ser de grande ajuda. Muito pelo contrário, na realidade seria uma grande complicação. Afinal quando você tem acesso a referências de outras mentes que produzem conhecimento, os professores são mais rígidos em seus critérios avaliativos. É basicamente obrigatório fazer citações de material teórico de determinadas mentes da academia, para solidificar e dar base as alegações feitas nas questões de avaliações. Quanto mais estudava e se debruçava sobre aquelas páginas, maior se tornava sua antipatia às instituições acadêmicas. Era como se ela apenas vomitasse idéias de pessoas velhas e mortas, para comprovar que tinha o conhecimento e entendimento sobre a sociedade, porém o espaço para escrever suas observações pessoais era quase nulo, e sabia que isso custaria pontos em sua média final. Entretanto Geisa queria muito o seu diploma. Era mais do que uma simples vontade, era uma necessidade real.

O quarto parecia rodar sobre sua cama após longas horas lendo "Formação do Brasil Contemporâneo" de Caio Prado Júnior. Geisa colocava a mão sobre os olhos cansados e avermelhados. O homem com uma linguagem e escrita digna da década de 40 usava palavras em sua maioria extintas do vocabulário comum. A exausta jovem de cabelos dourados que viveu a maior parte de sua vida no interior de São Paulo, pensava em como havia sido idiota ao aceitar os elogios em sua época de escola. "Uma mentira", ela disse para si mesma diversas vezes após começar as avaliações da faculdade. Antes, bajulada constantemente por suas notas impecáveis em todas as matérias, a melhor aluna da sala, possivelmente a mais esperta da escola, era uma surpresa aos olhos de funcionários e estudantes de classe média alta que à anos estudavam com ela. A filha da doméstica que limpava e cuidava da casa dos donos da escola tinha a melhor nota de todos os simulados da região, e sem dúvida era invejada por muitos. Marcos Koga, um educador muito respeitado na comunidade da pequena cidade de Vinhedo, era altamente conservador. Filho de imigrantes japoneses fez uma pequena fortuna com a melhor e mais cara escola particular de toda a região norte do interior do estado. Por causa de seu trabalho à vários anos, jovens privilegiados do interior eram enviados as melhores e maiores universidades públicas do país. Porém, a jovem que a pouco iniciou seus estudos na universidade começou a sentir que todo aquele esforço de decorar as matérias era apenas uma grande perda de tempo, uma burocracia para selecionar jovens brancos e estudantes de escolas particulares. Na universidade decorar não servia para nada, não havia mais alternativa correta e errada, os estudantes tinham que entender um contexto único do que estudavam. Compreender e discutir a visão de autores sobre a sociedade e o mundo ao seu redor, e os motivos e motivações que possibilitaram a produção daquele estudo nesse momento específico. "Por que Caio Prado Júnior produziu seu estudo sobre a formação do Brasil na década de quarenta especificamente?", essa era uma questão de várias outras a serem

respondidas na avaliação final de Geisa, na disciplina de "Introdução à formação da América Latina I".

Por causa de suas incessantes leituras Geisa apertava com força sua cabeça cheia de fios dourados, uma dor insuportável a incomodava a dias. Sob a cadeira estava o antigo notebook de João Paulo, seu grande amigo de infância que morava com ela naquela cidade distante. Moravam juntos a meses, desde que ambos entraram na UFABC, uma universidade federal relativamente nova, criada na região metropolitana da cidade de São Paulo. O notebook era muito útil para digitar os trabalhos, fazer pesquisas, e assistir filmes e séries. Mesmo não sendo de última geração e ser um pouco desatualizado, ele era muito funcional. Seu melhor amigo, que para a jovem estudante era como se fosse um irmão mais velho, havia ganhado outro mais novo de seu pai assim que ele passou em uma universidade federal. Basicamente era como se fosse um prêmio, pois por quatro anos consecutivos o menino havia se esforçado e feito cursinho para passar em uma instituição de renome do país. Seu pai era dono de uma excelente escola, e jamais iria permitir a vergonha de um filho seu não conseguir passar em nenhuma universidade pública respeitável. Agora o jovem de 22 anos tinha um novo computador, mais rápido, mais leve, e com uma memória maior. Então nada mais justo e benevolente do que dar o antigo para a esforçada filha da Neuza, a mulher que havia o criado desde pequeno, e que era uma importante figura materna na sua criação. Que sempre o apoiou, e ficou muito feliz de ver que as duas crianças da sua vida haviam passado juntos na faculdade no mesmo ano. E que sua filha conseguiu passar em várias universidades mesmo tendo apenas dezoito anos, era a primeira pessoa da sua família a entrar em uma universidade.

O notebook a encarava, e com ele voltava a recordação de tudo o que ela havia se privado de fazer para focar nos estudos. Suas séries favoritas, os livros de poesia e de romance, as caminhadas pelos parques, tudo isso ela não fazia mais. "Nada disso", as duas palavras doloridas surgiam outra vez

em sua mente. Faltavam poucas semanas para as próximas provas, e ela deveria estudar e estar preparada. A felicidade da sua mãe era indescritível, sua filha era aluna de uma grande faculdade, e tudo o que ela lutou a vida inteira para dar para o "amor de sua vida" se tornaria realidade. "A primeira da família". Seus ombros pendiam para baixo devido ao peso da responsabilidade que a consumia e destruía aos poucos. A pressão de não fazer nada de errado e de tirar uma nota excelente estava presentes em suas olheiras, e seu rosto pálido. Porém em sua vida ela havia aprendido da pior maneira que tinha que ser melhor em tudo, mas passou despercebido o quanto isso a adoecia e consumia.

Seus olhos estavam quase fechados. Sua boca estava inundada de saliva. Geisa, quase dopada, buscou se espreguiçar e bocejar buscando recuperar um pouco de ânimo e energia, mas o sono era muito sedutor, ele abraçava sua consciência e pesava toneladas em suas pálpebras. "Mais café, é isso que eu preciso", a ideia floresceu. Nas últimas semanas, principalmente nas madrugadas, seu estudo constante praticamente sobrevivia devido aos altos consumos de cafeína. Mesmo sendo um estimulante potente o café a acalmava, deixava suas mãos menos trêmulas, e aumentava sua concentração e seu comprometimento com os seus estudos. A jovem apenas reparou como seus pés estavam congelados quando os tirou de baixo das cobertas. O frio daquela noite era sombriamente especial. Ele invadia seu corpo por dentro, ferindo, paralisando, e principalmente tirando sua sensibilidade, pois quando caminhava não sentia-se a pressão em seus pés. Seguindo em direção a sala a surpresa surgiu ao ver sua garrafa térmica, onde guardava o seu café, totalmente vazia. "Como eu já bebi tudo isso?", ela pensava enquanto pegava açúcar e o pó preto para fazer mais do néctar amargo que a viciava mais a cada dia. O som da água enchendo a chaleira misturava-se a tempestade torrencial que caía desde o começo da tarde, e jogado sob sofá da sala jazia o guarda chuva de João. O seu velho amigo nunca o levava em sua mochila, esquecia mesmo sabendo que estava

chovendo à incontáveis dias. O rio tamanduateí que acompanha a Avenida dos Estados havia inundado, e com isso a cidade estava dividida por ele, então novamente o estudante de Vinhedo iria dormir do outro lado do rio, na casa de Tayana, a garota que ele conheceu nos primeiros dias de faculdade, e que ele namorava desde então.

Agora mais calma e com a sua caneca com desenho de gatinhos cheia de café, Geisa conseguiu voltar a focar em seus estudos sobre as dissertações de Caio Prado sobre as raízes coloniais ainda presentes no Brasil. Debaixo de suas cobertas, imersa e concentrada em sua leitura a jovem estremeceu ao ouvir o som extremamente alto que surgiu. Ele parecia vir de dentro de sua casa, e quebrou a monotonia do barulho da chuva constante. Com um espasmo os papéis caíram de suas mãos e a paralisia momentânea devido ao susto e surpresa tomou seu corpo. Sua natureza e real localização eram um mistério. Aquele barulho que possivelmente estava relacionado a tempestade que tomava a cidade era semelhante a uma batida de carro misturada a um grave rugido gutural de uma criatura selvagem. Os segundos silenciosos, que na mente de Geisa pareciam ter uma eternidade, foram seguidos por ligeiras e contínuas batidas do mesmo tom animalesco pesado. Enquanto o primeiro era duvidosamente localizado na frente de sua casa, os demais com total certeza haviam acontecido dentro de sua casa, e pareciam vir em sua direção. Sua porta, pálida como seu rosto, estava encostada e inundada com um misterioso terror deixou a jovem Geisa com os olhos arregalados e fixados nela, com o mais puro pavor. O medo congelante era semelhante ao de uma presa encurralada por um animal pronto para se alimentar. Impulsionada por uma pura força de vontade, lentamente com sua mão pegou o celular e olhou as horas que demarcavam 4 horas da madrugada. Uma certeza a perturbava, alguém havia entrado em sua casa.

"Vou ligar para a polícia", ela pensou instintivamente, "mas e se fosse o João?". A rua no qual residiam há meses teoricamente era extremamente

segura e tranquila, com alguns guardas em motocicletas que passavam de tempos em tempos soando um alarme agudo. A porta da entrada e o portão de ferro eram resistentes e estavam trancados. Parada e olhando para a porta Geisa pensava o quanto ligar para a polícia devia ser uma atitude precipitada. Possivelmente era o João, e se não fosse era apenas uma falsa impressão do lugar que o som surgiu. Não era a primeira vez que o medo de ficar em casa sozinha estava lhe impressionando, e novamente despertava sua imaginação quase a fazendo tomar atitudes antes de verificar algo. A sensação de solidão era nova, ela morava com João a poucos meses, e depois que ele começou a namorar, ficar sozinha em casa a noite, era muito comum. No interior sempre tinha companhia de alguém, João, sua mãe que a protegia e amava, além dos patrões da casa. Sentimentos de vulnerabilidade e fraqueza facilitam o medo que a enganava. A consumia e controlava suas ações.

Na tentativa de livrar-se do pavor paralisante Geisa levantou-se de sua cama. Seus pés tremiam e com o celular em mãos começava a chamar por João, gritando o seu nome constantemente, mas não tinha nenhuma resposta. Lentamente abriu a porta de seu quarto e deixou a luz invadir o corredor, e caminhando sentido a sala algo estranho a perturbou. A luz externa vinda da janela da rua estava diferente. Algo parecia a expulsar, a manipulando e a transformando em algo sombrio e aterrorizante. Rapidamente a jovem fechou seus olhos e encostou-se na parede devido a uma tontura. Com as mãos na cabeça ela forçava as pálpebras de seus olhos fechados, devia ter se levantado muito rápido e sua pressão caiu, era o que comentava para si enquanto olhava para objetos imóveis e escurecidos. A residência era pequena, possivelmente construída para abrigar estudantes vindos de diversas outras cidades, e ela conseguia ver a cozinha e a sala mesmo na porta de seu quarto. Ainda encolhida, com medo de estar sozinha em uma cidade nova, olhou os cômodos de sua casa. Corredor, sala, cozinha, não havia ninguém. Os sons não aconteceram de dentro da sua casa, sua imaginação lhe deu essa

impressão. A garota foi até a cozinha e suas mãos ainda estavam um pouco trêmulas. Impressionada com o pavor que sentiu, não se recordava de ter sentido algo parecido em toda sua vida. Por isso bebeu um copo de água para se acalmar. Se apoiando na pia e tomando água, a garota sentiu as pernas bambas e fracas. Sua boca estava seca, e água escorria por seus lábios espessos.

Caminhando de volta para seu quarto e seus estudos, a porta do quarto de João chamou sua atenção. Estava fechada. João tinha o costume de deixar a porta de seu quarto sempre fechada, o cômodo sofria de infiltração, e a parede começava a criar mofo, dando um cheiro bem desagradável para o quarto. Ela mantinha a janela aberta e prendia a porta com uma escultura feita de pano para ventilar o quarto. Se a porta estava fechada daquele jeito João devia estar em casa. A garota ainda um tanto nervosa sentia algo inconsciente lhe alertando. Uma espécie de medo ilógico subia sobre seus pés gelados e se encontrava com o frio da maçaneta da porta. Ao olhar para dentro do quarto a jovem sentiu algo tenebroso e amargo. Era como se toda a luz dentro do quarto e dentro de si houvessem desaparecido. Ou pior, sentia como se nunca ao menos tivesse existido. Um mal estar sombrio e solitário a impregnou e implantou pensamentos sombrios e angustiantes. Todo aquele esforço que estava fazendo a semanas, suas leituras e anotações que fazia por horas e mais horas de seu dia, não tinham sentido. Suas notas das provas seriam baixas, não conseguiria se formar, e iria trabalhar como doméstica, vivendo em um quarto apertado, assim como ela e sua mãe sempre viveram, pelo resto de toda a sua vida. Elas estavam fadadas à uma vida de submissão, micro-agressões dos patrões, e medo constante de serem expulsas e perderem o seu lar. Essa era uma realidade imutável, Geisa e sua mãe estavam fadadas a isso.

Por mais que se esforçasse era difícil enxergar algo naquela total escuridão. A luz do corredor não ultrapassava seus pés, se escondia atrás

da Geisa, se protegendo do mal e dos terrores daquela parte da casa. A luminosidade amarelada da rua que normalmente entrava pelos vãos da janela pareciam não existir. Por um breve momento ela não enxergou nem a si mesma, seu corpo parecia abraçado pelas sombras. Sua existência era insignificante perante aquela gélida escuridão. A menina tentou acender a luz pelo interruptor, ela estava quebrada, mas a jovem de olhos castanhos lembrava-se dela funcionar quando horas atrás ela entrou no quarto para pegar uma caneta emprestada. Mesmo trêmula, com passos ligeiros e assustados entrou no quarto o mais rápido possível, que mesmo iluminado pela luz da lanterna do seu celular, continuava sinistro e inóspito. O quarto não estava diferente do normal, roupas jogadas no chão, sacos de salgadinho na mesa ao lado do controle do seu videogame de última geração, e principalmente a cama desarrumada e infestada de um emaranhado de roupas bagunçadas e amassadas. A jovem abriu as cortinas fechadas, e sobrenaturalmente a luz dos postes da rua cobriram o quarto e a banharam com uma luz vívida. O tom amarelado agora lhe enchia com uma sensação de calor e alento. A chuva havia acabado, e Geisa não tinha percebido a súbita pausa do som de água contínua, e agora apenas ouvia o som do vento gelado que voava por fora da janela e manchava o vidro de um embaçado demasiado. Um pouco mais calma a garota virou-se para voltar ao seu quarto e suas anotações, porém uma nova figura a congelou. A poucos segundos não tinha nada além de bagunça em cima da cama, porém lá estava ele. Encharcado pela chuva, sentado em posição fetal, com a cabeça entre os joelhos, estava João Paulo. Inerte, paralisado, com gotas que escorriam pelo seu cabelo e misturavam-se as suas lágrimas silenciosas que inundavam seu cobertor. O jovem parecia morto, seus braços estavam pálidos e as pontas de seus dedos estavam azuladas, quase roxas. Mesmo o chamando repetidamente, o atlético menino de vinte e dois anos não reagia, apenas se mantinha parado e fazia um gemido angustiante e patético. Geisa, sua amiga de infância, se aproximou mesmo temerosa, e encostou a ponta de seus dedos no ombro daquele que considerava um irmão. Num espasmo,

como se fosse a atacar ele assustou e a encarou, olhando no fundo dos seus olhos castanhos. Aqueles pequenos olhos guardavam angústia, dor, mas principalmente ódio, e com a voz trêmula o menino de cabelo preto disse: "A Tayana terminou comigo."

João era seu amigo à anos, mas claramente estava longe de ser um companheiro presente quando o assunto era relacionado a limpeza e organização de uma casa. Sua melhor amiga tomava conta de quase tudo sozinha, e isso há meses estava a levando ao limite da paciência, pois ela não era sua empregada, e pagava as contas tanto quanto ele. De fato não eram todas as contas que eram pagas com seu dinheiro, mas a luz, a água, a internet, a comida e o gás, eram divididos igualmente ao final do mês. A única conta que os dois não pagavam era o aluguel. A casa era pequena e sua localidade, numa região próxima a estação de trem, ao centro da cidade, e praticamente do lado da faculdade, fazia o valor do imóvel ser surreal. Possivelmente aqueles que construíram aquelas casas minúsculas apostaram em um negócio lucrativo. Se não fosse pelo pai de João, que bancava o aluguel sozinho, ela jamais iria conseguir morar naquela região. Geisa não sentia-se nem um pouco confortável em não arcar com o aluguel, mas o custo de vida era alto, ela precisava da ajuda do homem que ela respeitou por toda a sua vida, mas que atualmente não tinha nenhuma vontade de encará-lo. Por esse motivo trabalhava e fazia muitos bicos de garçoneiro, ela precisava de dinheiro para suas necessidades, e também para seu futuro. Já João Paulo não trabalhava, tinha uma mesada enorme, equivalente ao dobro do que a menina recebia trabalhando muitas noites. Mesmo pagando todas as contas lhe sobrava bastante dinheiro, e ele basicamente gastava tudo em jogos, bebidas, e em festas com seus novos amigos da faculdade.

O jovem de classe média alta não estava passando por um momento fácil em sua vida. Era profundamente apaixonado por sua ex-namorada. Sem conseguir reatar seu namoro, sentia-se cada vez pior a cada dia que passava. Não tomava mais banho, dormia o dia inteiro, quase não saía do quarto e muito menos de casa. Mantinha-se em seu casulo íntimo fechado, sem iluminação, e sem nenhuma corrente de ar fresco. Em seus dias

normais passava o tempo inteiro deitado, chorando e abafando a dor enquanto pressionava seu rosto contra o travesseiro, em breves tentativas de ficar sem ar. Nos dias seguintes Geisa conseguia ouvir as mensagens que ele enviava pelo seu celular. Os pedidos de desculpas, seguidos de frustração e ódio, por terem terminado por um motivo que dizia ser besta. A maioria das mensagens tinham um forte tom de autopiedade. Ele chorava e principalmente gritava com Tayana, não a xingando diretamente, porém sua voz tinha um tom ameaçador e suas palavras envenenadas buscavam desesperadamente arrumar um culpado. Mesmo sendo sua grande amiga à muitos anos, Geisa sabia que o melhor para uma mulher naquela situação era ficar distante daquele cara, e principalmente daquele relacionamento. Antes do término a relação aparentemente era saudável e feliz, porém agora vendo as reações do seu amigo de cabelo arrepiado, ela pensava o quanto as aparências podem ser enganosas. Mesmo vendo o quão tóxico ele era para aquela jovem, Geisa queria ajudá-lo. O jovem descendente de japoneses era quatro anos mais velho, e seu grande amigo de infância. Brincavam juntos de muitas coisas, tiveram ótimos momentos, e João havia lhe ensinado muito. Ele sempre falava que era como se fosse o seu irmão mais velho, e que sempre estaria cuidando dela. Por isso manteve-se quieta, respeitando o seu tempo de sofrimento.

A sujeira e imundice vinda do quarto do menino crescia constantemente e começava a se espalhar pelo restante da casa. Geisa não era o ápice de organização e limpeza, porém as coisas tem um limite. O fedor se espalhava para além de dentro do quarto e invadia seu nariz arredondado. Era como se algo estivesse apodrecendo, o cheiro da morte impregnou dentro de sua casa. Às vezes se sentia obrigada a discutir com seu amigo. Ele não saía de dentro do quarto e o cheiro de carniça cadavérica circulava mesmo com a porta fechada o dia inteiro. Por mais que se usasse desinfetantes, aquela coisa nunca saía por completo, se misturava ao cheiro de lavanda, e depois retornava mais forte em todos os lugares. Na

parede, no teto, nas coisas, e principalmente em João. Em diversos momentos a jovem sentia o cheiro em seu corpo, mas após um banho bem tomado com bastante desodorante, aparentemente o fazia desaparecer.

Totalmente inerte, João não se importava com nada que não fosse relacionado a Tayana. Os vícios que ele continuava se debruçando, como tentativa de preencher algo que havia o deixado, o consumia cada vez mais. Seu novo computador que deveria ser usado para estudar, e que até algumas semanas atrás ele levava para a casa da sua antiga namorada para estudarem juntos, agora só era usado para assistir séries, filmes, e animações. E quando tinha um pouco de ânimo, jogar algum jogo de rpg online. Esgotada e exausta Geisa sentia que as suas energias estavam sendo sugadas a cada dia. A situação de seu amigo estava a prejudicando, agora gastava muito mais tempo limpando e cuidando de sua casa e principalmente de seu companheiro, pois ele ao menos lavava sua própria louça, e limpava seu quarto, que era o pouco que ele fazia. Agora estava muito mais cansada física e mentalmente, por isso ela não conseguia passar o tempo que queria estudando e se preparando para as provas finais. Seu trabalho também começou a ser negligenciado, antes ela ia trabalhar quase todos os finais de semana, agora ela fazia semana sim, semana não. O trabalho, a limpeza e os estudos a consumiam, porém sua consciência lhe dizia para ajudar seu amigo, ela poderia ajudá-lo até ele se recuperar e voltar ao normal.

Com as mãos molhadas e cheias de sabão e alguns restos de comida, Geisa parou e ficou olhando para a sua pia cheia de louça suja. Os copos, pratos, talheres e panelas estavam repletos de comida azeda, e o cheiro não a incomodava mais, infelizmente ela estava acostumada. Com os olhos cheios de um vazio sufocante ela observava a água batendo na panela e respingando em sua roupa. O som era contínuo e a despertava sensações mistas de calma e tristeza, porém em meio ao som ininterrupto da água algo surgiu quebrando o monopólio sonoro das gotas.

Algo que não se ouvia há semanas, uma risada que recém nascida vinda na direção do quarto do João. Um aposento completamente silencioso, quando não se ouvia os choros e lamentos do jovem. Entretanto havia algo estranho com aquela risada. Era errada, seca, falsa e repugnante, transbordando asco. A menina se lembrava de um som semelhante. Ela o ouvia na escola quando um grupo de garotas apontavam e riam da cara dela. Devia ter uns 10 anos na época, as garotas a empurravam e falavam de sua aparência. Para se proteger Geisa corria enquanto chorava. Sentia-se impotente e principalmente com medo, pois não pagava a mensalidade por causa de sua mãe, e não queria perder a bolsa que tinha na escola. Na época tentou com todas as forças acreditar que aquilo era apenas uma besteira, mentindo para si. Afastando suas memórias horríveis, coisas que se esforçou para esquecer, ela caminhou em direção ao quarto e abriu a porta.

As janelas estavam abertas e os raios de sol que já haviam se esquecido daquele lugar frio e morto, agora preenchiam todos os cantos e davam vida a tudo que antes parecia decrépito. O jovem que não se cuidava mais, e até o dia passado chorava continuamente e parecia não ter forças para nada, estava de cabelos molhados. Sentado em sua cama e de costas para Geisa ele segurava algo e ela percebeu que ele estava sorrindo. João havia tomado banho, algo que não fazia a semanas, e em suas mãos ele segurava um livro que brilhava refletindo a luz do sol. O jovem voltou a dar risadas, mas desta vez estava diferente. Era gostosa e cativante, e após incontáveis dias estressante sua melhor amiga também sentiu a mesma vontade de rir. Seu amigo parecia finalmente estar melhorando.

O livro que ele segurava parecia ser bem antigo, sua capa era de um tom marrom um tanto avermelhado e não tinha nada escrito. Nenhum título, nome de autor, editora, nada. Suas páginas tinham um tom amarelado forte, Geisa pensou no quão antigo aquele livro deveria ser, mas o mais estranho era que mesmo tendo páginas extremamente amareladas, mais

do que o comum, ele tinha a estrutura de um livro feito a pouco tempo. João estava tão fixado na sua leitura, imerso entre aquelas páginas, que não reparou sua amiga parada na frente da porta a vários segundos se deliciando da sua melhora inesperada. Apenas depois de um tempo, quando ele percebeu a presença que o olhava com um certo brilho nos olhos, ele levantou se espreguiçando e lhe deu bom dia. Um tanto incrédula da mudança repentina Geisa apenas acenou com a cabeça. Ele atravessou o quarto até a porta, colocou a mão sobre seu ombro e disse que ela parecia cansada. Olhando em seus olhos com certa intensidade, costume esse que ela nunca havia reparado no amigo, ele disse que naquele dia o almoço seria de sua responsabilidade. Mesmo sutil, algo estava diferente em João Paulo, porém de tão imperceptível sua amiga não soube identificar.

Geisa imaginou que ele iria sair e comprar comida pronta, mas ao ver o amigo indo para a cozinha e pegando diversos ingredientes para fazer um prato aparentemente melhor elaborado, ela ergueu as sobrancelhas de total surpresa. Nesses meses morando juntos, o menino nunca tinha preparado algo diferente de um pão com presunto e queijo, ou um macarrão instantâneo no microondas. Porém agora ele estava usando farinha, leite, ovos, legumes, carnes, e os mais variados temperos. A jovem de aparência cansada achava que seriam usados para algum tipo de massa italiana. Perguntando ao seu antigo amigo o que ele estava fazendo, descobriu que ele ia preparar uma receita que havia descoberto naquele livro que estava lendo. A jovem não sabia que João tinha qualquer interesse por livros de culinária, e aquelas páginas pareciam conter de tudo, menos receitas de massa italiana. Entretanto ele afirmou que o livro era de confiança e que aqueles ingredientes iriam resultar em algo extremamente gostoso.

Pela primeira vez em muito tempo o seu companheiro de casa se ofereceu para fazer alguma tarefa doméstica. Uma das paixões da jovem de

Vinhedo era cozinhar, ela aprendeu com sua mãe, e fazia comida de bom grado. Entretanto o cansaço lhe domava e tomava sua consciência de uma forma diferente, como nunca havia acontecido. Sua cabeça latejava, e suas olheiras que surgiram nos primeiros meses de faculdade agora estavam muito mais profundas. Se trabalhar e estudar era algo muito difícil, nas últimas semanas as tarefas se tornaram muito mais desgastantes. Basicamente ela estava tendo que cuidar quase que integralmente de uma outra pessoa, que antes conseguia se virar sozinha, mas que nas últimas semanas estava totalmente inerte a tudo, e sujava a casa muito mais do que uma pessoa comum. Parecia completamente dependente, e como um parasita a consumia pouco a pouco. O amigo se oferecer para uma tarefa diária era ótimo, e mesmo sendo muito pouco Geisa estava totalmente satisfeita. Algo naquele momento lhe dizia que as coisas finalmente estavam se resolvendo. Ele parecia melhor e mais saudável do que jamais esteve em sua vida. Enquanto o jovem estudante rapidamente picava e cortava legumes, sua melhor amiga se surpreendeu com tal habilidade, ele cortava e preparava as coisas com uma maestria comum de quem cozinha a muitos anos, como sua mãe. A garota de muitas curvas deitou um pouco no sofá da sala e observou o seu amigo, que aparentemente sabia muito bem o que estava fazendo. Lenta e sedutoramente sentia seu corpo pesado e imóvel. Desde aquela noite sinistra no quarto vizinho ela não dormia direito, mesmo com as poucas horas de sono que tinha. Antigamente quando se deitava, o sono vinha automaticamente, e poucos minutos depois ela estava na imensidão profunda de seus sonhos, porém agora as coisas estavam diferentes. Seus sonhos a perturbavam e ela pouco se lembrava deles, mas sabia que acordava incontáveis vezes no meio da noite, e demorava para voltar a dormir, mesmo com muito sono. Naquele momento era nítido que não sentia apenas um cansaço comum, era algo além disso. Seu corpo, sua mente, e principalmente seu espírito, não estavam mais em sua normalidade. Parecia que algo a abandonava aos poucos, porém, por mais

que pensasse no assunto não conseguia entender qual era o seu problema.

Lidar com João, um amigo que ela gostava bastante, estava sendo difícil. Depois de todos esses anos ela continuava o apoiando, mesmo que atualmente guardasse em seu consciente muita mágoa pela sua família. Em sua mente muitas memórias estavam presentes. As violências cotidianas sutis que tanto ela como sua mãe sofriam dentro da casa de seus patrões. Do quarto minúsculo que ambas dormiam, sem ventilação, e de ar abafado por causa da minúscula janela, sem iluminação natural. Da lavanderia do lado de seu quarto, onde o cachorro "cagava" e "mijava", e que no meio da madrugada sua mãe constantemente levantava, pois aquele fedor era forte, e com o cheiro elas não conseguia dormir direito. Do medo constante que sua mãe tinha em ser desaprovada pelos patrões que davam lhe um teto, e comida para ela e sua filha. Do sentimento de inferioridade e submissão, disfarçado pelos donos da casa que usavam o discurso de que "elas eram como se fossem da família", mas nas ceias de Natal, sua mãe trabalhava e não comia na mesa de jantar da sala, e sim na cozinha, onde ambas faziam a ceia juntas. No fundo de seu coração Geisa sempre soube que elas eram "como se fossem", mas de fato elas não eram. Neuza Maria engravidou muito jovem. Sem estar casada, e filha de um radical religioso, foi expulsa de casa aos 22 anos, e agora sua única família era aquela pequena de cabelos encaracolados, e sua responsabilidade era grande.

Deitada no sofá seu corpo estava totalmente parado, mas o ódio borbilhava e logo estaria transbordando. Esse sentimento lhe queimava, pois ela sentia ódio por si mesma. Mesmo tendo uma educação que era considerada exemplar, ela nunca de fato havia notado a situação que ela e sua querida mãe passavam. Talvez sua mãe sempre soubesse da realidade das duas, e nunca falou para a sua pequena menina com medo de que ela tivesse aquele sentimento azedo em seu peito. Dona Neuza era

uma mulher forte, nunca se mostrou abalada para sua filha, mas agora com conhecimentos históricos e sociais, Geisa se deu conta da sua real condição durante anos. Recentemente com o abalo emocional de João Paulo ela sentia cada vez mais ódio. Um veneno antigo, fermentado com o tempo e guardado em um lugar que a menina nem sabia da existência, até entrar na faculdade e ter diversas leituras e trocas com seus professores e colegas de sala. "Os maiores problemas de João eram relacionados ao término de um namoro? É isso o que mais o faz sofrer?", esses tipos de questionamentos perturbavam Geisa à dias. Lentamente a destruindo com ódio, tristeza e culpa. Um ódio vindo de um passado não muito remoto, onde ela e seu maior amor sofriam violências cotidianas despercebidas. Uma tristeza por ter a sua mãe naquela casa, ainda refém de uma família que se dizia benevolente, mas que na verdade era hipócrita e suja. E culpa por ter um sentimento amargo com alguém que considerava um irmão, que cresceu junto com ela, e que dividiu momentos importantes de sua vida. Culpa por não ter percebido isso antes, e ter feito alguma coisa para tirar sua mãe daquela situação. Era possível que sua mãe não tivesse conhecimento sobre aquilo que perturbava os pensamentos dela. Mesmo não acreditando em Deus a garota rezava por isso, pois seria melhor para a mulher que sempre lhe cuidou. Aparentemente era o melhor para ela, afinal "A ignorância é uma benção...". "Mas será que é mesmo?", a pergunta lhe veio em mente enquanto seus olhos umedecidos pelas memórias começavam a ficar cada vez mais pesados, a levando para um sono profundo como o oceano inexplorado, algo que ela nunca teve em sua vida.

Ao acordar uma dor profunda em sua cabeça lhe incomodava. Ela latejava intensamente e a impedia de abrir seus olhos por completo. Um tanto atordoada, Geisa demorou para perceber o quanto ficou adormecida, quando se deitou devia ser em torno do meio dia, e agora já passava de uma da manhã. A exaustão era tamanha que ela dormiu por treze horas seguidas naquele sofá de dois lugares extremamente desconfortável. O sol

se pôs a horas, e consigo levou para longe o calor da manhã. Geisa, antes vestida para o calor, estava de shorts e camiseta regata. O frio da madrugada parecia estar pior ultimamente, e a garota começou a espirrar, vítima do gelo que tomava principalmente seus braços e pernas desnudos. Mudando de posição e sentando-se no sofá os seus músculos mostraram-se rígidos e doloridos. Aquele pequeno e duro móvel não era confortável para sentar, e pior ainda era para se deitar, principalmente por várias horas. "Ele nem para me acordar?", ela pensava na total falta de preocupação e cuidado com o outro que faltava no seu amigo de cabelos arrepiados, enquanto observava os móveis de sua sala. Não era de hoje que se sentia assim, nos últimos dias os cantos de sua sala guardavam sombras estranhas e arrepiantes. Ela olhava para as lâmpadas acesas e tinha a leve impressão que a luz enfraquecia progressivamente, porém de maneira peculiar. Ela não estava mais fraca em si, mas parecia que ela fugia de determinados pontos que se mantinham mais escuros do que deveriam estar. Normalmente a claridade vinda dos postes da rua ultrapassavam os vãos das janelas e das cortinas, isso não acontecia mais, e quando as luzes internas estavam apagadas o ambiente se tornava inóspito e desagradável.

Geisa sentia sua barriga roncar. Sua boca estava seca e amarga com um estranho gosto de ferro em sua língua. "Será que ainda tem algo pra comer?", ela comentava para si enquanto caminhava em direção a geladeira e deixava escapar um arroteo vazio guardado em seu estômago. Lá estava, o prato que João cozinhou sozinho. Surpresa a garota apreciou a beleza do prato. Ele parecia perfeito, sua massa era dourada e consistente e um molho vermelho estava meticulosamente posicionado e concentrado por cima. Uma mistura de queijo e orégano acompanhavam a circunferência incompleta do prato cuidadosamente cortado em 1/4 do todo. Observando sua refeição um estranhamento surgiu em sua mente. "Afiml o que ele usou para cozinhar?". A jovem conhecia de culinária, e o molho vermelho, assim como a massa, não pareciam ser feitos com os

ingredientes usuais da culinária italiana. Era nítido para a garota de cabelos encaracolados que a receita era totalmente desconhecida. "Como ele chegou naquele resultado?" ela tentava montar uma quebra cabeça em sua mente, buscando decifrar de forma lógica como ele chegou naquela consistência de prato. A massa era pastosa, semelhante a polenta, mas como uma consistência rígida. O molho vermelho parecia mais líquido do que a consistência lhe permitia, mas mantinha-se no centro da massa encurvada, e não escapava para os lados, mesmo com o pedaço faltando. A barriga de Geisa roncava, ela não comia nada a horas, e o pedaço que se serviu além de ser grande, não era nada simétrico comparado ao cortado pelo seu amigo. Ela colocou a massa no prato e o levou até o microondas, e enquanto esperava esquentar, preparou um suco de laranja natural que sua mãe insistia para ela tomar todos os dias. Curiosa com o cheiro delicioso Geisa não fez cerimônia alguma para comer. A culinária italiana era uma das suas preferidas, e ela sempre que possível cozinhava para experimentar novas receitas. Não poder ver o seu amigo fazer aquele prato era uma grande pena, pois além de querer acompanhar seu processo de melhora, ela estava curiosa para saber a procedência daquilo que parecia ser feito pelos deuses. "Assim que ele acordar vou pegar o livro e ler a receita", ela pensava enquanto encaminhava o garfo em direção a sua boca. A comida era deliciosa, o molho tinha uma consistência suculenta e molhada que combinava com a maciez da massa e entregava uma súbita sensação de prazer, porém por apenas alguns segundos. Repentinamente esse júbilo foi se transformando em uma grande repulsa angustiante, e quando a dor invadiu o interno de sua boca instintivamente Geisa cuspiu tudo para fora, vomitando em seguida no seu prato e na sua mesa.

O suco gástrico preso em sua garganta quase impedia sua respiração, seus olhos ficaram avermelhados e a garota precisava de muito esforço para respirar. Ajoelhada e com uma de suas mãos no chão a jovem buscava entender o que havia acontecido. O que a princípio era gostoso e

suculento em um breve piscar de olhos tornou-se desprezível e grotesco. Geisa tentava acreditar ser um engasgo normal, porém o que ela presenciou não era fruto de sua imaginação, e isso a perturbava. O gosto no começo parecia muito bom, uma massa equilibrada de legumes diversos e um tipo de carne, mas após algumas mordidas a textura revelou-se perversa e diabólica. Entre suas bochechas e seus dentes um movimento agressivo deu ligeiras mordidas dolorosas na parte interna de sua boca, como se ela estivesse comendo um animal vivo que lutava para se proteger de seu predador. A sensação espetava e beliscava como se fossem patas de vários insetos e crustáceos, crocantes, gosmentos e azedos. Com os olhos lacrimejando e olhando para o prato com repulsa, a menina se assustou, pois por um curto período em meio ao vômito a sua comida começou a se movimentar lentamente com pequenos espasmos. Patas começavam a sair de dentro da mistura de seu vômito com aquela massa amaldiçoada. Miúdas pernas se mexiam em um ritmo irregular se formando da massa dourada e do molho avermelhado, pareciam patas de aranhas peludas com longas pinças pontudas que se encontravam e batiam umas contra as outras formando um barulho incômodo no silêncio fúnebre. A garota fechou os olhos e balançou a cabeça, ela ouvia claramente as batidas de seu coração, pulsando como um motor de caminhão. Porém quando abriu os olhos novamente viu a comida imóvel e silenciosa. "Devo estar ficando louca", a garota pensou enquanto caminhava ao banheiro para lavar a boca e tirar o gosto podre e desprezível, misturado ao sangue da sua boca machucada. O único banheiro da casa ficava ao lado do seu quarto e o do João. Novamente a porta estava fechada e lá de dentro não se via nenhuma luz, apenas escuridão. A jovem pensou em abrir para ver se estava tudo certo com ele, mas era perceptível que ela não tinha condições para ajudar ninguém naquele momento. Além de não estar emocionalmente bem algo estava errado, no fundo de sua mente um pensamento instintivo lhe alertava para não abrir aquela porta. Deitando-se em sua cama, com as portas fechadas

a garota ouviu novamente o som vindo da escuridão. João soltava aquela podre risada que soltou enquanto estava lendo o livro mais cedo.

Dias se passaram desde o terrível episódio na cozinha, mantido em sigilo por Geisa. Ao jogar a comida fora no dia seguinte ela constatou que devia ter alucinado com uma comida que não gostou. Exausta e com sono, pois não conseguiu pregar os olhos nem por um segundo, ela examinou o conteúdo vomitado no chão e o prato guardado na geladeira, aparentemente tudo estava extremamente normal. A época das provas finais que aconteciam na segunda metade de Junho se aproximava, a jovem de cachos dourados ficava cada vez mais ansiosa e a melhora de João só ficava mais aparente. Agora o menino estava indo para a faculdade integralmente, era mais participativo nas aulas, algo que ele nunca fora, e inclusive estava se relacionando com outras mulheres. Geisa sentiu um peso a menos em suas costas. Ele finalmente ajudava a limpar a casa, a mantê-la organizada, e a fazer as compras do mês, o que dava a jovem mais tempo de preparo para as provas, e principalmente para descansar, pois a cada dia ela sentia-se mais fatigada. De todas as atividades domésticas a de maior interesse do menino era a de cozinhar. João surgiu com um interesse surpreendente por culinária, e nessas atividades ele sempre consultava o livro de capa enrugada. Embora sua companheira de casa nunca mais teve coragem de colocar a comida do menino na boca, constantemente fugindo de qualquer oportunidade na qual ela seria obrigada a comer qualquer coisa que viesse daquele livro. As práticas culinárias de seu melhor amigo haviam se tornado comuns, pois ele cozinhava pratos elaborados pelo menos duas vezes ao dia, e todas as receitas feitas por ele a partir do livro eram totalmente desconhecidas mesmo para a internet. João recebia muitas visitas em casa, seus amigos o visitavam principalmente para experimentarem sua comida. Eles saíam extremamente satisfeitos, tecendo todos os elogios possíveis as suas habilidades culinárias, e aconselhavam o garoto a estudar mais gastronomia, pois ele parecia ter um dom sobrenatural. João ria humildemente e dizia que era apenas um hobby que gostava de dividir

com pessoas mais próximas. Seus amigos o perguntavam quais os nomes daqueles pratos e de onde eram suas origens, e o garoto era sistematicamente esguio e se desviava do assunto sempre fazendo algumas piadas.

Por mais que a melhora da crise pós-término fosse aparente, Geisa arrepiava-se quando refletia sobre toda aquela sinistra situação. A sua mudança era muito repentina e extravagante, fugindo de qualquer padrão comum. Ele não pegava em outro livro que não fosse aquele de capa amarronzada, e mesmo assim estava se saindo bem em todas suas atividades acadêmicas. Os dias se passavam e progressivamente sua proximidade com o livro aumentava. João abraçava o objeto inorgânico como se fosse uma nova paixão, uma nova companheira para toda a vida. Geisa sempre observava seu amigo e havia perdido as contas de quantas vezes ele havia lido o maldito livro. Aparentemente, devido a grossura de todas as páginas amareladas, ele devia ter em torno de 800 páginas. Certo dia a jovem estudante passava pano no chão enquanto seu colega fazia sua leitura no sofá, furtivamente ela conseguiu ver o tamanho das letras, elas eram minúsculas, e pela estrutura do texto, os parágrafos, e a escrita corrida em nada ele parecia com um livro de culinária. João nunca foi uma pessoa possessiva com seus bens materiais, ele emprestava tudo, quadrinhos, videogames, até mesmo seu notebook, mas com aquele livro algo estava diferente. Quando Geisa o observava lendo, o garoto se sentia acuado, disparava um estranho olhar de repúdio, com um certo desprezo e ódio. Ele escondia seu livro para que a garota não entrasse em contato com ele jamais. Como a sua melhor amiga não ficava o tempo todo ao seu lado, pois apesar de estudarem na mesma universidade seus "campus" ficavam em cidades diferente, sendo um em Santo André, e outro em uma cidade vizinha chamada São Bernardo do Campo, a menina se preocupava muito quando ele estava longe. Nos poucos momentos de folga, Geisa ia até o outro campus e colhia depoimentos de amigos e pessoas próximas de João Paulo na faculdade. Ela descobriu que o garoto

passava por horas lendo aquele livro, dentro da sala de aula, no intervalo entre as aulas, e até dentro do banheiro. Um dos amigos de João disse que certo dia, seu melhor amigo estava com uma grande diarreia e que ficou horas no banheiro. No fundo do coração de Geisa, ela sabia que ele havia ficado esse tempo todo lendo o maldito livro. Outro amigo comentou como ficava surpreso que mesmo com aquele livro em mãos o garoto conseguia fazer anotações da aula, e ainda fazia perguntas referentes ao que o professor estava discutindo nas últimas semanas, sua percepção do que acontecia ao redor era assustadora, pois ele não olhava para nada que não fossem as páginas amareladas.

Os dias passavam e sem perceber Geisa começava a nutrir um ódio por aquele objeto inanimado. Não fazia sentido, era apenas um livro, e parecia estar ajudando o João de alguma maneira, mas mesmo assim ela o odiava como se ele fosse um demônio, uma criatura nojenta e desprezível. Alguém perverso, que se fazia de inocente, que fingia ser apenas um livro, mas que no fundo era algo repugnante, podre e grotesco. Ela queria colocá-lo no forno, queima-lo e vê-lo virar cinzas, mas acima de tudo o que mais começava a lhe perturbar era o fato de que mais do que odiá-lo ela queria tê-lo. Ler o livro. Sobre o que ele falava? Ela já havia perguntado para o João sobre o que era, a princípio ele falou que havia pego uma receita nele, então devia ser sobre culinária, mas toda vez que ela perguntava ele sempre parecia muito vago, e dizia coisas que pareciam contraditórias muitas vezes. Era um drama sobre uma pessoa que procurava por alguma coisa. Uma história de terror de alguém que era perturbado pelo passado. Uma comédia sombria sobre a vida cotidiana. Esses são alguns dos exemplos de vários que o jovem contou para sua amiga. E quando a garota de cabelos dourados perguntava o porquê ele sempre falava coisas diferentes sobre o conteúdo do livro, ele se irritava, murmurava algum xingamento, acompanhado de "é um livro de muitas coisas", e se trancava em seu quarto.

Os dias passavam, e em semanas a época das provas finais iriam começar. Mesmo preocupada com o comportamento totalmente estranho de seu amigo de infância, ela precisaria ter foco. A sua exaustão havia retornado, mais forte do que nunca, ela novamente tomava seu corpo e sua mente, porém era um sacrifício que deveria fazer. Durante todos esses dias Geisa havia diminuído as poucas horas de sono que se permitia, começou a negligenciar a manutenção da sua casa, tudo para ter mais tempo de preparo. Os textos básicos e complementares de todas as matérias do primeiro semestre estavam revisados e na ponta de sua língua. Não teria como nada dar errado. No primeiro dia de prova Geisa só conseguia se manter de pé por conta de energéticos que estava tomando, o café já não era mais suficiente, pois não conseguiam mais a manter alerta e acordada. Porém, de fato, ela tinha conseguido o que lhe faltava nas primeiras atividades, Geisa entendia todas as matérias e os pormenores de seus inúmeros autores. Com toda essa base de estudo a jovem de Vinhedo conseguiria tirar notas incríveis, além de conseguir surpreender seus professores, que eram extremamente articulados em empresas multinacionais, e que isso poderia ser um diferencial na hora de encontrar alguma vaga na área de políticas públicas, o curso que ela almejava a muito tempo.

A sua primeira prova parecia ser muito fácil na concepção de Geisa. Talvez não fosse tão difícil quanto ela achava, pois estava muito apropriada para discutir sobre os temas. Todas as questões foram respondidas com muita facilidade, a menina do interior de São Paulo escreveu basicamente 5 folhas frente e verso com as questões pedidas pela Míriam, doutora em antropologia, e a docente mais exigente de todo o curso. Sua professora era conhecida e temida por todos os alunos. Geisa cogitava um dia seguir uma carreira na docência, pois assim como a maioria dos alunos que estudavam com ela, todos os seus professores eram brancos. Míriam era uma ótima acadêmica e profissional, mas toda a elitização de conhecimento que a jovem desprezava na academia era

glamourizado pela sua professora. Mas até que enfim, as coisas pareciam se ajustar. Sua prova escrita ficou ótima, e a jovem estava muito mais animada, mesmo com as mãos doendo de escrever tão rápido por bastante tempo. Enquanto caminhava pela noite de volta a sua casa, Geisa respirava fundo, muito mais calma ao sair da faculdade. Toda aquela pressão estava a consumindo, mas valia a pena. Sua barriga roncava muito, e mesmo que a professora liberasse os alunos para sair e comer alguma coisa no meio da prova, a jovem continuou lá, extremamente concentrada. Caminhando pela rua quieta e calma, a garota sentindo-se fraca ficou feliz ao ver o hipermercado aberto. Ela tinha que ser rápida, ele iria fechar em poucos minutos. Ligeiramente ela entrou e comprou macarrão, atum para fazer um prato delicioso, junto com um pacote de biscoitos que a manteriam de pé, até a sua comida ficar pronta. Mesmo sendo um prato simples macarrão alho e óleo com atum era um de seus pratos favoritos, pois ele o lembrava sua mãe. Era quase meia noite, e Geisa caminhava enquanto chorava de saudades de quem sempre passou por tudo, para lhe dar o seu melhor.

Um calafrio subiu de suas costas e impregnou-se em seu pescoço ao abrir a porta de sua casa. As janelas estavam fechadas, e a rua estava com uma temperatura agradável, permitindo a Geisa usar suas roupas mais frescas. As luzes da casa estavam todas apagadas, e a luminosidade das janelas não apareciam há muito tempo. A silhueta de João era o que mais chamava sua atenção. Virado em direção a parede, de pé e meio encurvado, no canto da sala, lá estava ele. Na escuridão Geisa o chamava, e não tinha nenhuma resposta. Ele estava etéreo, paralisado, não se movia, mas era possível ouvir o som do virar das páginas mesmo assim. Em espasmos João ria. Sua risada variava entre uma antiga que ela conhecia bem, e uma nova. A recente era triste, forçada, e principalmente dolorida. E a conhecida era odiosa, repulsiva e repugnante. A garota sempre a ouvia enquanto João estava em seu quarto lendo as páginas amaldiçoadas. A jovem com olhar cansado, o chamava enquanto

segurava a porta que enviava alguma luz para dentro. Não tinha nenhuma resposta, além das duas risadas que pareciam vir de pessoas diferentes. Mesmo aterrorizada, a menina forçou-se a caminhar em sua direção. Ao dar o seu primeiro passo dentro de casa, o seu melhor amigo parou de rir, e lentamente virou um pouco de sua cabeça em sua direção. A menina não conseguia vir seu rosto escondido por uma sombra desconhecida, e com cuidado ela caminhou em sua direção, observando o menino voltar a sua posição original. No silêncio sepulcral, Geisa se aproximou e com medo lentamente aproximou a sua mão na direção do ombro de seu amigo, como um relâmpago a garota paralisou-se ao ouvir uma risada aterrorizante, nunca antes ouvida. Ela era alta, gutural, ameaçadora, e parecia vir de todos os cantos da casa. Ao reunir forças, a menina conseguiu tocar no ombro de seu amigo, cessando a risada por completo. Seu ombro se movimentou de forma que não deveria. Se dividiu e como dentes afiados mordeu os dedos de Geisa, que se afastou gritando de susto e de dor. Apreensiva, mas querendo ajudá-lo, ela o contornou mantendo uma certa distância, e com as costas grudadas na parede gélida, quase molhada, a jovem resistente encarou as feições de seu melhor amigo. Seu rosto parecia ser esculpido por uma insanidade maligna. Seu odioso sorriso era maléfico, sua boca estava esticada de forma inumana enquanto sua saliva escorria pelo seu queixo. Suas pálpebras estavam paralisadas em um arregalar sinistro deixando seus glóbulos quase que inteiramente para fora, parecendo que iam-se despencar.

João quase não se movia, quando o observava de costas Geisa não reparou em seu sutil movimento contínuo. Apenas seu pulso e seu dedo se mexiam. Suave e ligeiramente, eles viravam as nojentas e asquerosas páginas amareladas do livro que ele segurava com sua outra mão. Muitas coisas que aconteceram, e que ainda vão acontecer, perturbaram a jovem de cabelos encaracolados, porém nada foi tão assustadoramente impactante como o movimento veloz em seus olhos. Arregalados a ponto

de cair, eles se moviam repetidas vezes da esquerda para a direita e voltando, subindo e descendo, em uma leitura furiosa e abissal. A jovem achou que os olhos de João iriam cair, e semelhante a lágrimas, um vermelho vivo sangrento escorria deles. Na tentativa de impedi-lo Geisa se viu fracassando no inútil esforço de o balançar e gritar pelo seu nome. A escuridão estava o tomando, a jovem garota precisava tirar o seu amigo de seu estupor, e em uma busca ilógica e desesperada por algo que poderia a ajudar ela encontrou o interruptor e acendeu as luzes. Os olhos insanos pararam no exato momento em que foram cegados pelo amarelo das lâmpadas do teto. Inteiramente avermelhados, as duas bolas de fogo e raiva fuzilaram a jovem que tremia. Tomado pela fúria da interrupção de sua leitura, João disparou sentido ao quarto, e bateu a porta causando um estrondo, semelhante ao que a garota ouviu na noite em que o menino lhe contou que Tayana havia terminado com ele. Impactada pela insanidade, Geisa tremia. Todos os pelos de seu corpo estavam arrepiados, e um extremo mal estar impregnava seu peito, tirando sua vontade de respirar. Com o corpo despencado no chão a jovem chorava desesperadamente. As lágrimas que escorriam de seu rosto pareciam quentes, a menina não percebeu, mas estava completamente gelada. Aquilo não era normal, não era deste mundo. Seu amigo havia sido tomado por alguma coisa maldita. Ele ficou trancado em seu quarto por alguns dias, não saiu para nada, nem para se alimentar, ou fazer suas necessidades. Depois dessa noite, toda vez que Geisa deita em sua cama, e fecha os olhos, ela lembra do rosto do amigo lendo aquela aberração. Uma imagem que nunca irá conseguir apagar completamente de sua mente.

Os dias seguintes foram exaustivos. Era impossível manter a concentração e estudar ao pensar no amigo naquelas condições. Ele basicamente não comia ou dormia direito. Ficar o mais breve momento sem ler o livro era impossível para ele. Desesperada, Geisa tentava explicar o que estava acontecendo para a família conservadora de Vinhedo. Eles não acreditavam, diziam que ela devia estar muito cansada por causa da faculdade, e que isso era normal no começo, mesmo para ela que havia sido sempre uma menina impecável nos seus estudos. Também comentavam que João estava passando apenas por um momento difícil, que logo iria melhorar, encontrar outra namorada para o fazer feliz. Com dores no corpo e na cabeça, a jovem ficava cada vez menos paciente com o total descrédito que os pais de João apresentavam. Depois de tentar várias vezes ser ouvida por aqueles que pagavam a miséria de salário para sua mãe, ela desistiu. Seu amigo estava definhando, sozinho, e só ela estava lá por ele. Sua mãe a apoiava, acreditava em suas palavras, mas estava distante e não conseguiria ajudá-la. Neuza era uma mãe jovem, tinha apenas 40 anos, e não havia completado o ensino fundamental. O sonho de Geisa era ter a sua mãe por perto, ao seu lado como sempre esteve, mas isso por enquanto não era possível. Lá ela tinha um emprego, e mesmo distante as duas combinaram de juntar economias para as duas finalmente conseguirem uma casa para chamarem de "nossa".

Por mais difícil que fosse abandonar os estudos na época das provas, a jovem de cabelos encaracolados não exitou em ajudar o amigo. Ela havia estudado muito, e mesmo não tendo muita certeza, sabia que tinha a competência para tirar as boas notas que almejava. Porém para ajudá-lo, a menina entrou em uma viagem sem fim até um universo de loucura. Para que João se alimentasse melhor, ela segurava o livro e virava suas páginas, enquanto ele comia o mais rápido possível. Sem mirar os talheres

em direção a sua boca, João deixava a maior parte da comida cair no chão, ou em sua roupa, mas estranhamente tomava bastante cuidado para não sujar o seu precioso livro. O seu foco estava na leitura, e nas ordens ríspidas que dava de boca cheia, para que as páginas fossem viradas. Como tentativa para fazer seu amigo melhorar, ela mantinha as janelas e cortinas sempre abertas, e o proibia de se trancar no quarto para ler com tudo fechado e sem luz natural. Ele parecia não se queixar, desde que o livro estivesse ao seu lado em sua posse, e que conseguisse ler o que estava contido naquele amarelo, tudo estava bem, pelo menos para a consciência disforme de seu amigo de infância. Geisa reparou em uma estranha mudança no livro, o amarelado em suas folhas estava desaparecendo aos poucos, e em seu lugar um cheiro azedo e morto morava entre o papel e a tinta preta.

Com sua vida acadêmica deixada de lado, Geisa observava a ligeira degradação do corpo e mente do jovem de cabelos arrepiados. João sempre foi um garoto atlético, praticava esportes na escola, porém agora ele estava extremamente magro, e tossia o dia inteiro. Sua tosse era seca e quase gutural, pouco parecia com uma tosse humana. Por vezes sua pele fervia, e pequenas bolhas descoloradas aparecia em seu corpo. Seus olhos estavam sempre avermelhados, cansados, e aparentemente desfocados. A visão de João sempre foi perfeita, nunca precisou de óculos, e agora, ele parecia estar ficando cego, precisando de muito esforço para ler. Qualquer insinuação que ela fizesse de ir com ele ao médico, era respondida com palavras ásperas e cruéis. Ele não estava doente, ele estava bem, ele tinha o livro em suas mãos. Seus amigos de faculdade o abandonaram, e Geisa se lembrava que mesmo quando João estava mal por causa do término do namoro, ninguém apareceu em sua casa para lhe visitar e conversar com ele. Eles queriam o João bem, o jovem que pagava a conta do bar sozinho, não o chorão depressivo. "Eram interesseiros, e amigos assim, era melhor ter distância", Geisa acostumada com a solidão desde o período da escola disse a si mesma. Cada vez mais

ela estava sendo sugada para aquele poço junto com o amigo, porém ela não podia abandoná-lo. Os dois tinham apenas um ao outro alí. A garota também nunca foi muito popular na faculdade, não tinha amigos. Meses atrás quando não estava em casa estudando, estava trabalhando, então recusava as poucas propostas de sair para se divertir e conhecer mais seus colegas de classe, que apenas conhecia de vista, e pouco conversava.

João piorava a cada dia, e parecia que nunca iria melhorar, mas e se ela tirasse pelo menos por poucos minutos, os olhos de João daquelas páginas amaldiçoadas. Se ela fizesse a leitura para ele em voz alta, e ele ficasse longe por pouco tempo. Talvez aos poucos ele começaria a melhorar. Ela fez a proposta, João estava extremamente fedido, ele precisava de um banho. A princípio ele era hesitante, mas depois de muito tentar ela conseguiu convencê-lo. O jovem pegou um balde e levou até abaixo do chuveiro, enquanto repetia para si mesmo que o barulho da água poderia atrapalhar. Querendo terminar o mais rápido possível, João começou a tirar a roupa sem ao menos hesitar. Havia perdido a vergonha de seu corpo nu, não se importava de estar com a aparência decrépita que apresentava no espelho. Sua amiga virou-se rapidamente ao vê-lo se despir, para que pelo menos ele tivesse um pouco de privacidade. Ele havia feito a prometer que iria ler em voz alta, pois ele tinha que entender palavra por palavra. E ainda temerosa de ler o livro, o abriu rapidamente ao ser repreendida pelo grito grave e animalesco que seu amigo desferiu.

A percepção de tempo é relativa. O que foram minutos para João, que passou rápida e silenciosamente a água com sabão em seu corpo, pareciam horas para Geisa que concentrava seus olhos nas páginas malditas. Depois da leitura, e da cena de João pelado arrancando o livro das mãos da amiga, após terminar seu banho, Geisa não se lembrava de nada do que estava escrito, e quando se esforçava sentia uma pontada forte em sua cabeça. O conteúdo que teve contato era incrível, e apenas

duas coisas perturbadoras permaneceram em sua mente. A horrível sensação do movimento de seus lábios, forçando um sorriso hediondo. E a satisfação que sentiu na leitura. Se não fosse a interrupção abrupta de seu amigo nu, arrancando-o de suas mãos e indo em direção ao quarto enquanto abria o livro, ela possivelmente passaria a eternidade lendo suas páginas.

A semana de provas estava finalmente acabando. Depois disso a garota entraria em suas tão sonhadas férias, onde poderia descansar e ter ao menos um pouco de lazer. Sem ter mais tempo para estudar sua rotina era ir para a faculdade fazer as provas, voltar, e cuidar de seu amigo. Não tinha mais energias e nem tempo para continuar com o seu trabalho como garçõete, porém agradeceu a gerente que elogiou o seu trabalho e empenho, pedindo para que assim que fosse possível, ela voltasse a trabalhar naquele bar. Na faculdade aparentemente tudo parecia correr bem enquanto ela escrevia as respostas das difíceis questões de suas atividades. Inúmeras páginas eram rabiscadas em grande velocidade, e sua mão parecia ter se acostumado com o ritmo frequente de movimentos, não voltando a doer na mesma intensidade. Em casa, suas tarefas com João ocupavam todo o seu dia. Ele precisava tomar banho, se alimentar, escovar os dentes, trocar de roupas, cortar as unhas, dentre outras atividades mundanas. Para que ele o fizesse, Geisa deveria estar presente participando dessa completa insanidade, e se arriscando a ficar presa nela para sempre. João não aceitou mais tomar banho sem o livro, afirmando que não era a mesma coisa, os olhos dele tinham que estar nas páginas, pois a sensação de escutar e ler não era a mesma. A jovem percebendo que ele precisava manter sua higiene para melhorar, começou a criar formas para que ele conseguisse fazer o que precisava, mesmo que ela tivesse que escovar os seus dentes, ou lhe dar banho. Entretanto, por mais que buscasse o ajudar, ela não via nele nenhum tipo de mudança que fosse positiva. Pelo contrário. Sua desnutrição e palidez era cada vez mais desumana. Seus olhos estavam profundos e cansados. Suas pupilas

estavam esbranquiçadas, sem brilho, e seu rosto era apático, desmotivado, totalmente sem emoções humanas. Geisa mantinha esperanças que ele melhorasse logo, ela estava presente para ele, era a única pessoa que o amava que estava presente. Os pais do menino continuavam evitando as ligações da jovem de cabelos dourados. De certo continuavam achando que era um exagero o que saía da boca dela. Algo para chamar atenção. Como disse a mãe de João em sua última ligação "ser a estudante perfeitinha" não era o suficiente para ela. Precisava de mais atenção. As palavras doíam, por muitos anos ela nutriu sentimentos positivos pela mãe de João, mas aos olhos daquelas pessoas ela era só a filha da empregada.

Sentada no sofá, enquanto olhava para o vazio de sua casa, a garota pensava no óbvio. De alguma forma era o livro que estava matando seu amigo. Ele o assassinava aos poucos de maneira cruel. Uma entidade demoníaca silenciosa, que aparentemente inocente, removia toda a luz de dentro de sua casa. Nada o que fazia havia dado certo e ajudado João Paulo, mas até então a atitude mais óbvia fugia de seus pensamentos, como a felicidade fugia de sua vida. "Por que não se livrar daquele maldito?". A ação mais simples e comum ficou escondida até o momento. Claramente isso iria resolver os problemas da vida dos dois. "Como isso não havia passado pela sua cabeça?". Geisa se perguntava, porém no fundo de sua mente a resposta sempre esteve lá. O livro a tinha feito de refém, assim como fez de João seu escravo. Tocar em sua capa ásperas e suas páginas grudadas era gratificante. Sua cor suja e maligna era linda. Ouvir as risadas sangrentas de João havia se tornado uma sinfonia aos seus ouvidos. No fundo Geisa estava gostando daquela situação. Ela lembrava-se do sorriso em seu rosto ao ler o livro enquanto o amigo se banhava atrás dela. O sorriso nunca a abandonou, ele continuava lá, porém escondido em meio ao prazer violento, de ver o filhote de verme burguês sucumbir e morrer aos poucos, da forma mais dolorosa possível.

Uma dor imensa tomou o peito da garota. Lágrimas intensas invadiram seu rosto, ao notar que ela estava se satisfazendo com a destruição do seu mais antigo amigo. Ela também gostava do livro, o amava e o queria. Ele era um grande risco para os dois, podendo os matar, ou os deixar completamente insanos. Era óbvio para Geisa, ela era a próxima presa, a capa amarronzada iria terminar com o que restava de seu amigo de infância, e ela era a próxima a sucumbir ao ler as misteriosas páginas amarelas. Não era admissível. Ela tinha que sumir com o livro. Apesar de ser a fonte de um mal imprescindível, ele não poderia se proteger. Não podia se mover sozinho, como os livros malditos de filmes de terror. Seu único protetor ativo era João. O fraco e decadente não poderia fazer nada se não soubesse dos planos da Geisa. A garota pensava que mesmo se soubesse, ele mal tinha forças para se manter de pé sozinho. Quem dirá machucá-la. Sentada no sofá com seu objetivo em mente, a garota esperou ansiosamente. O João decrépito apenas largava o livro quando ia dormir. Seu sono era fraco, e ele dormia no máximo duas horas. Então, a menina aguardou por horas, até ele adormecer.

Eram 4 horas da manhã. Os olhos grandes e castanhos de Geisa já haviam se acostumado à escuridão, buscando torná-la sua aliada. As noites eram mais escuras do que deveriam ser. As luzes externas vindas dos postes não acendiam há dias, porém parecia que ninguém da rua se importava. João havia parado de rir já fazia cerca de vinte minutos, possivelmente estava na parte mais profunda de seu sono. Ele lia o livro 22 horas por dia, e duas horas de sono por noite era o seu limite, a garota sabia. Cuidando dele, dia após dia, a jovem de nariz arredondado sentia-se especializada no assunto "João". Conseguia inclusive saber o que o garoto iria fazer, antes mesmo que ele soubesse. Geisa, calmamente e com os pés descalços se aproximou do corredor. O menor barulho iria despertá-lo, e para não fazer nenhum som a noite, a garota passou óleo em sua porta para interromper o rangido. Lá estava ele, deitado em sua cama desarrumada enquanto abraçava o livro na altura de

seu umbigo. O livro parecia dormir junto com João, como se fossem um só. A capa, aparentemente roncava junto a ele, e fazia um movimento leve, como a respiração de quem dorme em um sono profundo. A respiração dos dois era o único som que se ouvia no quarto, porém para Geisa era claro que seu corpo gritava, com as batidas de seu coração, e com o fluir do sangue em suas veias. Sem respirar, ela se aproximou lentamente. Seus pés se movimentavam com extremo cuidado, se ela encostasse em algo que fizesse barulho o menino iria despertar. Geisa não sabia de suas habilidades, mas talvez toda a sua vida dentro da casa da família de João havia lhe dado a habilidade de fingir que não estava lá. Os padrões de sua mãe, da boca pra fora sempre falavam que gostavam da menina, mas ela inconscientemente buscava fingir que não estava lá, ofuscando a sua presença. Assim como fez no quarto do filho dos dois.

João estava indefeso. Fraco, quase morto. "Por que não acabar logo com o sofrimento dele?". Ele era incapaz, indecente, imundo e fraco. Não iria sobreviver por mais tempo, e se conseguisse teria uma vida miserável, abandonado por sua força de vontade patética. Se João morresse ela iria ter a casa só pra ela. Não teria mais que cuidar do marmanjo mais velho. Um incompetente que mesmo estudando em uma escola "top de linha" precisou de anos de cursinho para entrar em apenas uma faculdade. Diferente dela, que se esforçou ao máximo, e conseguiu entrar em várias universidades do país. Geisa só ficou com a Universidade Federal do ABC, pois era a única que João havia sido aprovado, e seria bom mudar para outra cidade com alguém que conhecia. Com sua morte, poderia trazer sua mãe para a cidade, e finalmente elas poderiam ter sua própria casa. Com quartos bem ventilados, e ceia de natal na sala de estar. Era muito fácil, o jovem estava apodrecendo aos poucos, e com uma saúde fragilizada não seria impossível ele sufocar sozinho no meio da noite, enquanto sua pobre amiga de infância dormia no quarto ao lado.

Geisa encarava João na escuridão. Mesmo magro o jovem parecia ter um pescoço carnudo e macio. Lentamente ela subiu em cima de seu corpo, ajoelhada por cima dele. Sem exitar em nenhum momento, suas mãos foram até seu pescoço. João não se mexia, mas agora com os olhos abertos, tinha o olhar fixado na profundidade dos olhos castanhos de sua amiga que o apertava. A carne pálida de seu pescoço, era estranhamente quente e macia, assim como ela esperava. Com força ela apertava o pescoço de seu amigo de infância, que parecia não se importar. João aparentemente queria aquilo, viver estava sendo um sofrimento angustiante. Todos iriam ficar felizes. Por meia hora ela apertou e o rosto do jovem, antes com uma desnutrição esbranquiçada, agora estava roxo. Seu pescoço ainda estava quente. Seus pequenos olhos avermelhados piscavam enquanto encaravam Geisa, ela apertava cada vez com mais força, sentia-se imensamente forte, como se pudesse esmagar uma barra de ferro, mas ele não morria. O jovem tinha o rosto gangrenado, e os ossos de seu pescoço estalavam, quebrados e quase virando pó, mas ele continuava vivo, piscando inerte, enquanto olhava para aquela que o cuidava. As horas se passaram, já devia ter amanhecido, mas o quarto estava na mais completa escuridão. João estava podre, sua carne decomposta tinha um cheiro nauseante, mas o anjo da morte devia estar muito ocupado para o visitar. Geisa não pensava em nada enquanto fazia aquilo, estava extasiada, só queria a morte de seu amigo. Vendo o seu corpo apodrecer um pensamento lhe surgiu. "Se João morresse com quem iam ficar suas coisas?". A família de Vinhedo possivelmente ia guardar alguns objetos, e doar outros, mas o destino do livro era um mistério. Ele iria se agarrar a outros, e com sua malícia dissimulada, iria acabar com muitas outras vidas. Aquilo tinha que acabar. Geisa iria guardar o livro para si, proteger o mundo de sua maldade. Seria uma relíquia, um objeto de um amigo que havia lhe sugado a vida inteira, um ser humano parasitário. O livro era sombrio e perverso, mas era lindo. "Vai. Você consegue. Termina

logo com isso. Aperta mais forte.", ela ouvia sua própria voz sedutora cantar em sua mente, implorando com uma excitação carnal.

"Não, eu não posso fazer isso.", a menina pensou ao dar um passo para trás e sair daquela ilusão que lhe enviava para uma realidade sombria e assassina. Enjoada, por ter imaginado fazer o inconcebível com seu amigo, e consigo mesma. Com muito esforço, ela levou as mãos em sua boca, buscando não fazer barulho em acordá-lo. "O livro a fez imaginar tudo aquilo?", "eu estou ficando louca?", ela pensava e enquanto tremia e caminhava silenciosamente até a cama de João. Delicadamente ela tirou o livro dos braços do seu amigo, que não se movimentou.

Sua faculdade estava em reforma, e ela sabia que o lugar mais seguro para aquela aberração seria nas profundezas de toneladas de cimento. Seu mal seria contido, suas páginas entrariam no esquecimento. Não faria mais mal a ninguém. Porém, a reação posterior de João era um mistério. "O que ele iria fazer agora?". Sem o livro possivelmente ele iria se recuperar aos poucos, mas era certo que no começo ele entonaria berros, e tentaria machucá-la, mas ele estava fraco, era pouco provável que teria sucesso. Esse era o risco que Geisa estava preparada a pagar.

Horas se passaram desde que a menina de olhos cansados voltou para casa. Sentada no chão do quarto, Geisa esperava o menino acordar enquanto observava os vários círculos minúsculos que formavam o desenho de uma constelação alegre, em um lugar que parecia ter se esquecido desse sentimento. As miúdas luzes amareladas que se formavam na parede do quarto eram formadas pelos pequenos buracos da janela de ferro escuro. Desde que o livro entrou na vida dos dois, Geisa não tinha reparado mais nesse desenho agradável, formado pela janela fechada. Tudo o que havia no quarto era escuridão. Já era meio dia, e João deveria ter acordado horas atrás. A menina estava cansada, e seu sono apenas aumentava ao ouvir o respirar de seu amigo no seu sono profundo. Tendo que suportar toneladas em seus olhos, a garota buscava se concentrar. Quando João despertasse de seu sono, e notasse a não-presença de seu objeto mais valioso, poderia ter todo o tipo de reação, provavelmente as mais agressivas possíveis. Porém o sono é furtivo e ardiloso, e como um assassino das sombras se esgueirou imperceptível, e a agarrou na mais profunda dormência.

Com o corpo dolorido, a menina despertou na mesma posição que adormeceu. Sentada no chão, com as costas grudadas a parede, ela pegou o celular e se surpreendeu ao descobrir que dormiu por mais de 12 horas seguidas. Nervosa, se levantou sem se preocupar com o celular caindo no chão. "Onde está João?", ela se perguntava até ver que o menino ainda estava na cama. Ele não havia se movimentado nem um pouco, parecia paralisado e morto, se não fosse o respirar constante, e o leve movimento de seu peito. Sua aparência parecia melhorar. Ele dormia há quase 24 horas ininterruptas, e pela aparência agradável em seu rosto, possivelmente dormiria por muito mais tempo. A garota foi até o banheiro, precisava tomar um banho, se sentia suja, e talvez a água quente a deixasse menos tensa. As poucas horas de sono que estava tendo nas

últimas semanas, além de toda a pressão de cuidar de seu amigo, estavam acabando com ela. Seu sono pesado era resultado de muitas noites mal dormidas, e um corpo desgastado. Depois do banho, a garota sentou na sala e fez o que ela não fazia há bastante tempo. Ligou o notebook na televisão e assistiu sua série de comédia favorita. Por algumas horas a menina se divertiu assistindo sua série favorita, e agora ela conseguia enxergar um futuro de esperança, onde seu amigo ia finalmente melhorar, e as coisas iam voltar aos eixos. Em poucos dias suas notas seriam disponibilizadas no site da faculdade, e ela finalmente ia se sentir mais tranquila.

Horas se passaram sem Geisa perceber. Fazia tanto tempo que não ficava relaxada, sem precisar se preocupar com algo, que sua percepção sobre o mundo exterior ficou desligada por um tempo. Era meio-dia, o brilho do sol entrou em sua casa e mostrou a beleza de seu lar. Caminhando até o quarto de João, ela viu que o amigo ainda dormia. Sua barriga roncava, e nas últimas semanas parecia que tudo o que cozinhava havia perdido o gosto e o cheiro. Mas ela precisava se animar, as coisas iam finalmente mudar. João estava dormente e continuaria assim por um tempo indeterminado, então a menina pegou sua bolsa e saiu de casa, um estrogonofe caíria bem. Caminhando até o mercado, ela sentiu o amarelo tocar sua pele, mas não o assassino das páginas asquerosas, e sim a luz do sol que lhe acariciava e a aquecia. O azul vívido do céu estava maravilhoso, os pássaros cantavam e as pessoas na rua sorriam. O hipermercado que ela normalmente fazia suas compras ficava ao lado do campus da sua faculdade. Quase vazio e tranquilo, ela não iria demorar. Pegou o frango, o creme de leite, e a batata palha, pois além de não ter lhe sobrado muito dinheiro, ela tinha as coisas que precisava em sua casa. Caminhando até o caixa uma estranha surpresa, Tayana estava parada à sua frente, e a observava com uma espécie de vergonha no olhar. A ex-namorada de João segurava uns salgadinhos e uma garrafa de refrigerante, esse era o almoço de muitos universitários. Depois do

comprimento desajeitado, ambas ficaram aguardando silenciosamente no caixa. Tayana estava na frente, e quando terminou de pagar se despediu, e saiu apressada. A relação das duas sempre foi muito amigável, Tayana constantemente ia para sua casa. Lá elas conversavam, principalmente quando almoçavam juntos de João. Elas falavam sobre o futuro, o que cada uma achava da faculdade, qual carreira iriam seguir, dentre muitas outras coisas. Normalmente João ficava quieto na conversa, Geisa não sabia muito bem o motivo, mas recentemente começou a desconfiar que o amigo ficava desconfortável. Sabe lá por qual motivo. Caminhando até a saída, as duas se encontraram novamente, Tayana estava a esperando para conversar.

A conversa das duas não foi muito duradoura, porém ambas tinham uma química, e por mais sensível que fosse o assunto de sua conversa, elas conseguiam entender mais uma da outra. Tayana e Geisa tinham muito em comum. Elas gostavam das mesmas séries, tinham quase a mesma idade, e diferente da realidade econômica de João, as duas vieram de situações mais humildes. A garota de Vinhedo era filha de uma doméstica, e a outra era filha de uma atendente de caixa de supermercado. Tayana era filha de uma mãe solteira, e até os seus 10 anos de idade passou por muitas necessidades econômicas. As coisas mudaram um pouco quando sua mãe casou-se. Seu padrasto era um homem bom, e elas se mudaram para uma outra região da cidade. Quando saiu da escola Tayana teria tempo para estudar antes de começar a trabalhar, o que deu a jovem de cabelos avermelhados uma chance de entrar na faculdade e cursar a sua graduação de biologia. Algo que ela sonhava a muitos anos. Depois de conversar sobre as questões da faculdade, e o deslocamento que elas sentiam quando comparavam a realidade das duas, com a dos outros alunos, o assunto João Paulo surgiu. Tayana não o havia esquecido, ela ainda gostava dele. Ele era educado e engraçado, porém ela revelou a Geisa aspectos de sua antiga relação, até então não percebidos pela melhor amiga dele. De forma inconsciente João sugava a energia das

pessoas. Ele era possessivo, e fazia muitas chantagens emocionais. Quando os dois estavam próximos de outras pessoas ele se sentia inferiorizado, e quase sempre tinha a mesma reação. Mantinha a cabeça baixa, e ficava quase calado. João compulsoriamente sempre falava coisas para Tayana que a deixavam com medo. Sua insegurança era sufocante, ele sempre achava que ela iria terminar com ele. Desconfiava que ela não o amava mais. Ficava em cima dela, e ligava inúmeras vezes para seu celular, quando a garota não respondia suas mensagens. Era difícil, mas Tayana se decidiu, ela tinha uma vida além daquele namoro, mas gradualmente João estava sugando suas forças e suas vontades. Então aos poucos Tayana começou a parar de fazer coisas que gostava pelo namorado. Ele aparentemente não fazia essas coisas pelo seu mal, ele tinha boas intenções, queria que ela ficasse bem. Porém ele estava tirando sua liberdade, seu espaço, e quando Tayana se deu conta do que estava acontecendo com ela, que todas as suas crises emocionais e psicológicas tinham algo que estavam a engatilhando, terminar com João seria difícil, porém seria necessário. Quando ela conversava com ele na busca de uma mudança na relação, para que não precisassem terminar o namoro, e expunha essas questões ele se fazia de desentendido, dizia que não era bem assim. E por muitas vezes a jovem bióloga achou que estava louca, mas não estava.

Voltando para sua casa Geisa refletia sobre sua conversa. Tayana parecia ainda abatida, e falar sobre o que estava acontecendo atualmente com João, não iria ajudar em nada. Por isso ela manteve em sigilo, e quando começou a falar de sua vida, não falou muito do jovem de cabelos arrepiados. Porém era óbvio, ele estava fazendo a mesma coisa com ela. A sugando e tirando coisas que lhe eram valiosas. Ele precisava de ajuda profissional, Geisa não era médica, ela era só uma garota. "E se o garoto não melhorasse?". Ou pior, "se de alguma forma o livro sobrenatural retornasse?". Aquilo não poderia perdurar por mais tempo. Caminhando rapidamente por medo da chuva que se formava no céu, a menina encarou

uma figura estranha. Um homem com rosto enrugado e cabelos grisalhos a encarava do outro lado da rua. Com roupas sujas, um cabelo desarrumado e embaraçado à uma barba suja de comida, ele começou a se aproximar. Aparentemente ele parecia um morador de rua embriagado, e normalmente Geisa não era uma pessoa preconceituosa. Buscava tratar todos igualmente, e sempre que possível ajudava. Porém naquele momento ela ainda não estava em seu estado normal. Os olhos do homem eram profundos, e sinistramente pareciam olhar para seu interior, não olhando apenas para seu rosto, mas para sua mente e para seu espírito. Ao ver seus olhos escuros e sujos, Geisa sentiu suas pernas tremerem. Ela não sabia o motivo, mas aquele homem lhe dava medo. Ele não parecia que ia assaltá-la ou coisa do tipo, mas ela não iria se arriscar, então começou a caminhar cada vez mais rápido, tentando deixar o homem estranho cada vez mais para trás. "Espere", Geisa ouviu o chamado, e olhando para trás, viu o homem caminhando mais rapidamente atrás dela.

Chegando na frente de sua casa a garota procurou rapidamente as chaves perdidas na bagunça de sua bolsa. As sacolas estavam pesadas, e sua mão esquerda doía ao segurar todas, enquanto sua outra mão vasculhava desesperadamente os conteúdos de sua bolsa. Geisa olhou para trás na direção que o homem estaria vindo, e não encontrou ninguém. Encontrou as chaves, abriu a porta, e com uma pancada alta a fechou causando um estrondo. Sentada no chão, com as costas encostadas na porta trancada, Geisa imaginava se um dia sua vida ia voltar ao normal. Ela estava com medo de tudo, se sentia insegura, fraca e incapaz de se proteger. Ela não sabia, mas não muito longe de sua casa o homem observava as energias por ali contidas. Ele estava preocupado, sua consciência conseguia sentir as forças parasitárias e obsessoras que estavam lá.

Mais tranquila, Geisa cozinhou ouvindo o barulho da chuva. Fazer comida era uma das coisas que mais gostava, lembrava de sua mãe. Seu

estrogonofe ficou delicioso. O tempero com misturas de ervas estava perfeito. Depois de comer dois pratos inteiros, a menina notou no quanto sua alimentação estava prejudicada. Havia perdido muitos quilos nesses últimos dias, com toda aquela pressão. Sem um peso em suas costas, e lembrando-se da conversa que teve com Tayana, ela pegou no notebook e foi pro quarto. A menina passou pelo quarto de seu amigo e esqueceu dele, ela estava cansada, e as coisas haviam se resolvido. Geisa deitou em sua cama, colocou os fones de ouvido e começou a assistir sua série favorita. Por muito tempo sua vida foi basicamente estudar e cuidar de seu amigo. Seu físico e emocional estavam em frangalhos. Quando entrava no chuveiro, no pouco tempo que tinha, ela sentava-se e suas lágrimas frias misturavam-se a água quente. Chorava a todo momento, indo para a faculdade, enquanto estudava em casa, enquanto saía para trabalhar. Desde que João adormeceu segurando o livro, ele ainda não havia acordado, possivelmente ele estava melhorando. Sua pele não estava mais tão pálida, e seus olhos não estavam mais profundos por causa daquelas olheiras quase sobrenaturais. "Como eu não tinha me livrado daquele troço antes?", ela se perguntava o dia todo, e não conseguia achar uma resposta.

Geisa adormeceu em seu quarto com o notebook ligado. Enquanto dormia ela teve um dos piores pesadelos de sua vida. Por mais que tentasse se lembrar, ela não conseguia. Em meio a um enorme susto ela despertou. Já havia escurecido, e ainda chovia. Sua boca estava totalmente seca e seus lábios estavam rachados a ponto de sangrarem. A menina já não se lembrava a quanto tempo João estava dormindo, era o seu tempo de descanso, não precisava mais se preocupar tanto com ele, agora ele estava bem, era o que acreditava. "Água", seu corpo implorava por hidratação. Desde a noite sinistra em que João voltou para casa, Geisa progressivamente parou de cuidar de si mesma. Sua aparência estava péssima, com seus cabelos descuidados e seu rosto exausto. Ela voltaria a cuidar de si, passar hidratantes, cuidar de seu cabelo que ela tanto

gostava. A menina buscava melhorar, estava mais esperançosa. Passando pela porta de João a jovem não reparou que ela estava mais aberta do que ela havia deixado. Em frente a pia ela encheu um copo de água até quase transbordar. Bebeu toda a água em uma única golada, e ao se virar em direção a sua cama e ao repouso que precisava e merecia, ela viu uma silhueta trêmula e cansada. Alguém que havia deixado de ser quem já foi. João olhava para ela, e as luzes externas que antes não entravam em sua casa formavam uma silhueta de uma pessoa extremamente magra. Sua pele se esticava pelos seus ossos. Sua aparência estava totalmente diferente da aparência rosada e mais saudável que Geisa imaginava quando olhava para ele deitado na cama. Sua mente, buscando descanso, lhe enganou. Mostrou um amigo saudável, para que ela não precisasse mais se preocupar com ele e começasse a cuidar de si mesma. Algo que ela havia deixado totalmente de lado, em prol de uma outra pessoa.

Mesmo que ele a encarasse, por mais que sua amiga chamasse por seu nome ele não respondia. Em um ritmo constante ficava repetindo a mesma palavra, "vazio". Quando Geisa se aproximou e colocou sua mão em seu ombro ele a olhou em seus olhos, e chamou por seu nome. Ele implorou por ajuda, e não parava de repetir a pergunta sobre onde estava o livro, que ele precisava, e não podia ficar sem. Geisa tentou o acalmar, dizendo que ia ficar tudo bem, o que piorou a situação. O menino se dizia vazio por dentro, e ficava cada vez mais agressivo, falando que sem o livro ele iria sumir. Geisa não acreditava e João conseguia ver isso em seus olhos. Ele iria mostrar para ela. Por mais fraco e magro que estivesse naquela situação, de forma sobrenatural o garoto tinha uma força ilógica, e facilmente conseguiu empurrar a garota mais forte em direção ao chão. Seu amigo correu em direção das gavetas, e falando "eu vou te mostrar", abriu a que continha todos os talheres da casa. Com uma faca em mãos, ameaçou enfia-la na barriga para mostrar a verdade. Sua mão tremia e seus olhos estavam sobrecarregados de desespero. Geisa tentou começar uma conversa, e lentamente começou a se aproximar, dizendo que João

não precisava provar nada. A menina acreditava, tinha visto muitas coisas assustadoras e incomuns vindas do livro amaldiçoado. A noite as luzes fugiam de sua casa, as comidas feitas através de informações do livro eram diabólicas, e ele dominou a consciência de João, não o deixando fazer nada sem ler as páginas horrendas. "Você não entende. Eu não consigo viver sem ele. Eu vou morrer, preciso dele ao meu lado", o menino falou, enquanto começou a enfiar a ponta da lâmina lentamente na carne da região do umbigo. Geisa, agora mais próxima, correu desesperadamente tentando o salvar, e agarrou a faca pelo aço, tentando puxá-la para longe de João. O garoto, mesmo desidratado e magro de maneira surreal, ainda tinha muita força. Porém Geisa estava obstinada. Não sentiu os cortes da lâmina afiada em seus dedos. Seu sangue, escorrendo pela carne viva de sua mão, começava a sujar o chão e a barriga desnuda de seu amigo. Os dois começaram a girar pela sala, na tentativa de um impedir o outro. "Eu estou vazio. Vocês não vão entender até ver. Ele não vai voltar, vai se esquecer de mim." ele gritava para a amiga. Seus olhos estavam saltados devido a força descomunal que retirava de seus músculos em fiapos. Nos primeiros segundos agarrada a faca, a menina não sentiu dor alguma em seus dedos, mas poucos segundos depois a dor era insuportável. Ela perdia a força, seu sangue lambia a faca que ficava mais úmida, e escorregava em seus dedos, fazendo com que a garota tivesse que apertar a lâmina cada vez mais forte. João teria conseguido se abrir e mostrar se ele estava certo ou não, se não fosse pelo grande estrondo e a luz cegante que invadiu sua casa pela janela. Um trovão caiu justamente na frente de sua casa, derrubando os dois.

Geisa olhou para seu amigo. Ele estava desmaiado, mas mesmo com os olhos fechados lágrimas escorriam de seus olhos. Deitados no chão inundados por um lago de sangue, Geisa começou a chorar, sua dor e tristeza eram enormes. Ela estava em seu limite. Enquanto chorava a voz do seu amigo surgiu em sua mente. "Não tem mais nada aqui. Nada.

Nunca teve. Nada.". A menina conseguiu se recompor e sentou no chão com as costas no sofá. Ela olhava para o amigo desmaiado, agora com uma mistura de desprezo e pena. Ela gostava dele, mas não tinha certeza se esse gostar e cuidado era recíproco. Talvez nunca tivesse sido. A menina se levantou e buscou apertar as mãos uma contra a outra para parar o sangramento. Algo havia lhe passado despercebido, seu dedo mindinho junto com o anelar da sua mão direita estavam caídos sob a poça de seu sangue.

A senhora Koga chorava muito enquanto olhava para o filho sentado no quarto particular do Hospital Brasil, um dos mais caros de Santo André. O patrão de sua mãe mal tinha olhado para a cara de Geisa quando ele e sua esposa, junto com sua empregada, vieram juntos para ver seu filho. A mãe de João, uma mulher de cabelos lisos, e assim como seu marido também descendente de uma família japonesa, olhava para o filho e não recebia nenhuma resposta. Tentava conversar, dizia que ele era a coisa mais importante na vida dela, que ele era forte e ia melhorar. O garoto, que estava a dias sem ler o livro, mantinha uma postura apática e silenciosa, como se estivesse sozinho em sua realidade. Pelo vidro da porta, Geisa o observava. O último vestígio de sua personalidade se foi no dia que tentou abrir a própria barriga. Depois que acordou não tinha mais vontades, e não se movia, a não ser que alguém o pegasse e forçasse algum tipo de ação. A menina, de olhos magoados, não via nada além de uma casca vazia no corpo de seu antigo amigo. Ele não falava, não se alimentava, não se movimentava para nada. Uma enfermeira ficou aos seus cuidados. O menino precisava usar fraldas, pois não ia ao banheiro. Era um fantoche, no qual pegavam pelo braço e o estimulavam a algo. Não tinha vontade para nada, ficava apenas onde era colocado. Para se alimentar a enfermeira precisava fazer todos os seus movimentos, abria sua boca, colocava a comida, abria e a fechava diversas vezes, até que a comida mastigada fosse engolida depois de sua cabeça ser erguida. Os médicos não conseguiam entender o que estava acontecendo com o novo paciente. Teoricamente seu único problema era sua alimentação, porém, testemunhas da faculdade o viram totalmente saudável algumas semanas antes. E era tecnicamente impossível alguém emagrecer tanto em tão pouco tempo. Psicólogos caríssimos contratados por seu pai não conseguiam nenhuma resposta. João não reagia a nada, ficava só parado

respirando. Os profissionais apenas diziam que iam estudar o caso, com outros colegas para encontrarem uma forma de ajudá-lo.

No hospital a Dona Neuza abraçava sua filha com todas as forças. Além da saudade ela estava totalmente preocupada com sua menina. Geisa também não estava bem, estava mais magra, pálida e com olheiras profundas. A menina queria muito falar tudo o que havia acontecido para sua mãe, mas não podia. Seria chamada de louca, não pela mãe, mas por qualquer um que escutasse seu relato. Ninguém iria acreditar nela. E ainda pior, a forma como os pais de João estavam a tratando era repugnantes. Eles não a acusavam com palavras, mas o olhar dos dois a cortavam como a faca que lhe arrancou os dedos recentemente operados. Ela havia feito tripas e coração pelo filho dos dois pais completamente ausentes, e ainda recebia aquela ingratidão junto a seus olhares acusatórios. Ela era mais nova que João, mas agora era nítido, seu senso de dever com o garoto não era algo simplesmente auto-imposto. Memórias vieram em sua mente, da quantidade de vezes que a responsabilidade de ser parceira dele, estar junto e apoiá-lo, foi colocada em seus ombros pelos patrões de sua mãe. Ela também tinha uma vida, não era babá de um cara de mais de vinte anos. Ela fez o seu melhor para ajudar um ser humano, mas não podia largar de vez sua vida e sua saúde por ele.

Os pais de João ficaram hospedados em um hotel de Santo André, e deixaram a Neuza ficar com sua filha na casa que eles alugavam e tratavam como se fosse deles. O quadro de João piorou nos dias seguintes. Os exames que ele fazia eram perturbadores, e os médicos acreditaram que eram erros técnicos, até o dia de sua morte que comprovaram a veracidade da situação. João foi encontrado no quarto pela enfermeira que cuidava dele. A jovem ficou extremamente traumatizada com a visão que teve naquela manhã. "O mais puro terror." foi o que ela falou ao relatar para uma colega do hospital. O corpo de João era horrível. Tudo o que lhe restava eram seus ossos e sua pele. Seus

órgãos, veias, sangue, olhos, língua e cartilagem haviam desaparecido. A imagem de seu filho, uma pele esticada sobre um esqueleto fraco, que ao menor toque se desmanchava, foi demais para a senhora Koga que desmaiou ao fazer a identificação do corpo. Para preservar a família, e o hospital renomado, nada foi relatado na mídia. Encontra-se apenas alguns depoimentos anônimos na internet, tratados como "creepy pastas", pequenas histórias fictícias feitas para aterrorizar.

Ao saber da morte do amigo as emoções de Geisa foram as mais variadas. Tristeza, mágoa por não ter uma última conversa para expressar como se sentia, mas a sensação que mais lhe era perceptível era o amargo gosto do alívio. Geisa chorou muito ao conversar com sua mãe, após ver que mesmo super esforçada conseguiu apenas notas medianas em suas provas. Notas que apesar de não serem perfeitas como ela queria, eram o suficiente para ela passar em todas as matérias. Neuza, uma mulher de estatura baixa sentou com sua filha, ao vê-la com os olhos lacrimejando com os resultados da faculdade. O que ela estava sentindo era incrível, a felicidade de ver sua filha na faculdade não poderia ser ofuscada por uma tristeza como aquela. Geisa não tinha que ser a melhor, isso a estava consumindo, e ficava aparente na sua saúde fragilizada. Neuza tomou uma atitude que a surpreendeu. De forma humilde, agradeceu aos anos de trabalho na casa dos antigos patrões, mas de nada valia aquele esforço todo, se ela estava longe daquela que era o motivo para a sua resiliência na casa da família Koga. Sua filha precisava dela, e sabendo que isso poderia acontecer um dia Neuza juntava a anos uma poupança, sem contar nada para a filha. Ambas guardavam um dinheiro, mas a sua mãe tinha uma conta desde o seu nascimento, e ela juntou uma boa quantia nesses 18 anos. As duas iam morar juntas em Santo André, até sua filha terminar os estudos. Sua mãe ia apenas ficar mais uns dias em Vinhedo. Queria arrumar suas coisas, e ir no velório de João. Um menino que ela tinha carinho, e que viu crescer. Geisa, sem jeito, falou para sua mãe que não queria ir, que preferia ficar por Santo

André. Desabafou o que sentia pelos padrões da mãe e que queria ficar longe para se proteger de olhares maldosos e inquisidores. A menina tinha medo da reação da mãe, mas precisava dizer tudo o que pensava, das micro violências, e de tudo o que pairava de negativo lá. A mãe aceitou de bom grado, e mesmo dizendo que não havia percebido isso, sua filha sentiu no fundos de seus olhos, que ela tinha conhecimento sim, e que aguentou aquilo pelo futuro de sua filha.

Sua mãe viajou, e Geisa nunca mais entrou em contato com os pais de João. Sozinha naquela casa refletiu sobre a conversa que teve com sua mãe, e sentia-se mais leve, mesmo naquela casa, um lugar que lhe causou muita dor e solidão, a garota se aliviou ao pensar que iria se mudar. As duas não iam gastar as esforçadas economias acumuladas em anos de trabalho, em um aluguel tão caro. Era melhor, ela e sua mãe mereciam construir um lar juntas. Algo para chamar de "nossa casa", e que fosse apenas das duas. Caminhando pela casa e olhando os cômodos que lhe causaram sofrimentos, mas que também em alguns meses, foram lugares relaxantes, Geisa ouviu a campainha. Surpresa, sem saber quem havia tocado, ela caminhou até a porta e a abriu.

No lado de fora do portão a menina encontrou um rosto conhecido, mas que ela não conseguia se lembrar. Seu nome era Eduardo, um homem por volta de 50 anos. Geisa não havia o reconhecido sem seus cabelos bagunçados e barba desgranhada. Ele estava de cabelo cortado, barba feita, e banho tomado. O homem pediu para entrar para que ambos conversassem, e ao ver o olhar de dúvida pairar nos olhos de Geisa, ele afirmou que estava ali para ajudar e conversar sobre o livro.

Os conhecimentos do velho homem eram surpreendentes. Ele dizia saber sobre energias, e ao ver Geisa caminhar pela rua sentiu em torno dela uma energia obsessora poderosa, que estava sugando e tomando para si a existência da garota. Algo tão antigo quanto a terra, mas que não era do

mundo conhecido. Eduardo disse que não sabia ao certo a origem do objeto devorador, mas havia o encontrado em outros países anos antes, e que a região do ABC Paulista havia chamado sua atenção há muitos anos. De acordo com ele, muitas coisas iriam acontecer nessa terra, que aparentemente estava ficando mais suscetível ao obscuro e antigo mundo sobrenatural, de energias e magia. Geisa olhou incrédula para o homem, mas se não fosse isso não teria o que acreditar. Os dois conversaram, e Geisa relatou tudo o que havia acontecido desde a noite que João voltou para a casa após o término com Tayana. O homem ouviu atentamente sua história, e tomou nota de algumas passagens. Olhando no fundo dos olhos de Geisa, ela sentiu aquela estranha sensação que teve quando o encontrou pela primeira vez, porém agora não tinha mais medo. O homem alertou que o livro iria tentar voltar para ela, que ele se alimentou por completo de seu amigo, e que se ela não se livrasse dessas energias, uma hora ou outra ele iria aparecer para ela, e se ela não estivesse preparada ele iria sugar até a última gota de vitalidade que ela guarda em sua consciência. Geisa estremeceu, e se lembrou do livro. Talvez aquilo fosse verdade, ela realmente estava ligada ao livro. A menina havia escondido essa parte da história, mas afirmou que alguns dias atrás, mesmo com as mãos enfaixadas e os dedos recém colocados, ela foi até a faculdade no meio da noite, e com uma marreta tentou se apossar do livro novamente. A dor foi insuportável, seus pontos não estavam completamente cicatrizados, porém ela marretou por horas o concreto, com uma força desumana, até chegar na base onde estaria o livro, porém ele não estava mais lá. Eduardo achava que possivelmente ele havia se apossado de outra vítima, e iria se alimentar dela nos próximos meses. Não seria o concreto que iria segurá-lo. O homem se levantou, agradeceu pelo chá, bebida que ele era um grande apreciador, e se despediu oferecendo uma cura para Geisa. Sem custo algum, ele queria fazer um processo terapêutico com ela, para eliminar essas energias. Seriam apenas por alguns meses, uma vez por semana. Geisa agradeceu e aceitou, ela não tinha mais nada a perder, e o homem parecia confiável. Ela se desculpou pela forma que havia corrido

dias atrás, e ele apenas riu, falando que realmente parecia um homem louco indo desesperadamente atrás dela.

Geisa mudou-se com sua mãe. Alugaram uma casa com aluguel mais barato em uma região mais humilde. As férias acabaram, e Geisa se sentia melhor devido as sessões com Eduardo, um bom homem que parecia mais velho do que deveria ser, e que ajudou a sua mãe a encontrar outras oportunidades de emprego. Sua mãe iria se matricular em um curso supletivo para seguir os caminhos da filha e entrar em uma faculdade. Geisa voltou a ver o livro maldito mais algumas vezes. Ele aparecia para ela na biblioteca da faculdade, e nas estantes de livrarias. Ele era sedutor, surgia e desaparecia quase que instantaneamente. Porém ele não tinha mais no que se agarrar, e nunca mais conseguiu se apossar da garota de cabelos encaracolados.

A localidade do livro, continua sendo um mistério.